



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
LETRAS – TRADUÇÃO – INGLÊS

LIBIA GABRIELA DE ALMEIDA PENHA

**UMA (RE)TRADUÇÃO DE GARFIELD –
A IMPORTÂNCIA DA ORALIDADE NA TRADUÇÃO**

Brasília – DF

Junho de 2018

LIBIA GABRIELA DE ALMEIDA PENHA

**UMA (RE)TRADUÇÃO DE GARFIELD –
A IMPORTÂNCIA DA ORALIDADE NA TRADUÇÃO**

Trabalho de conclusão do curso Letras-Tradução
Inglês, sob orientação da Profa. Dra. Alessandra
Harden, da Universidade de Brasília.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dra. Alessandra Ramos de Oliveira Harden

Prof^a Helena Vigata Santiago

Prof^a Alessandra Querido

Brasília – DF

Junho de 2018

DEDICATÓRIA

Agradeço:

Profa. Dra. Alessandra Harden, não só pelo apoio durante este trabalho, mas também durante a matéria de textos jurídicos;

A minha mãe, Luciana, por me ensinar a importância dos estudos e lutar para que eu tivesse o que ela não teve;

Ao meu pai, Florencio, por toda a ajuda durante os anos de faculdade e por me dar irmãos que amo incondicionalmente;

Aos meus irmãos, Paulo, Marcia e Victor, por me dar forças e amor mesmo de longe;

Ao meu parceiro, André, por tudo que já passamos juntos, pelas pequenas coisas, por me ajudar em todos os momentos de todas as maneiras possíveis. Eu te amo sem tamanho.

Aos meus médicos, dra. Angela e dr. Pedro, por todos os cuidados e atenção, sem vocês eu não estaria aqui.

Aos meus amigos do fórum CSU, vocês são uma família pra mim.

A minha amiga Ana Luiza, por ser mais do que uma irmã.

RESUMO

Este projeto final em Tradução – Inglês propõe uma retradução das tirinhas de Garfield, mais especificamente do livro Garfield – 2582 tirinhas, com foco na multimodalidade e oralidade. Esta necessidade de retradução surgiu do estranhamento causado nos leitores pelas escolhas tradutórias feitas pela equipe de tradução da editora Intercontinental Press. Mesmo sendo usada apenas uma parcela das tirinhas, os resultados foram satisfatórios. Com este trabalho, espera-se que as discussões e estudos sobre a tradução de tirinhas e histórias em quadrinhos sejam enriquecidas, pois este gênero literário muitas vezes é desprezado pela academia.

Palavras-chave: tradução multimodal, Garfield, tradução de tirinhas, tradução de histórias em quadrinhos, oralidade

ABSTRACT

This final project in Translation proposes a retranslation of Garfield's comic strips, more specifically from the book Garfield - 2582 tirinhas, focusing on multimodality and orality. The need for a retranslation arose from the strangeness caused in readers due to the choices made by the Intercontinental Press translation team. Although only a portion of the strips were used, the results were satisfactory. With this work, discussions and studies on the translation of comic strips and comics are expected to be enriched, as this literary genre is often overlooked by academics. Keywords: multimodal translation, Garfield, translation of comic strips, translation of comics, orality

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
PROBLEMA	6
OBJETIVOS	7
Gerais	7
Específicos	7
METODOLOGIA	7
1 – A OBRA	8
1.1 Garfield e seu autor	8
1.2 História das Tirinhas	9
1.3 Tirinhas – Gênero Textual	10
1.4 Características do gênero textual	11
2 – TRADUÇÃO DO HUMOR E INTERSEMIÓTICA/MULTIMODAL	14
2.1 Tradução do humor	14
2.2 Tradução Intersemiótica	15
3 – TRADUÇÃO DA OBRA E RELATÓRIO	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	84

INTRODUÇÃO

O humor é um elemento vital da humanidade, e uma das chaves para se compreender culturas e costumes. Ele sempre está mudando e evoluindo junto com a sociedade, podendo ser usado como um retrato fiel de uma época.

Com a globalização, tudo é compartilhado, incluindo diversas formas de entretenimento como séries, jogos, programas de televisão, histórias, tirinhas, notícias, etc. Atualmente é rara a leitura de prosa, já que não temos muito tempo. As tirinhas são um tipo de leitura rápida que podemos fazer até mesmo em nossos celulares, e por isso são muito consumidas até hoje. A tradução é algo extremamente importante para que toda essa informação seja difundida. Mas quando o humor, que representa toda a cultura de um povo precisa ser traduzido, surgem muitas dificuldades.

Algo que não é muito discutido é a importância da oralidade na tradução destes textos, já que se tratam da fala de um personagem. Na maioria das vezes, as falas são traduzidas literalmente e de modo muito formal. Para avaliar este problema, usarei como objeto de estudo Garfield – 2582 tirinhas, uma coletânea publicada no Brasil das tirinhas de Garfield, que é a segunda maior série deste gênero no mundo (em número de publicações, perde apenas para Peanuts, de Snoopy). O gato sarcástico e preguiçoso é fonte de muitas pérolas na língua original, que incluem referências culturais, jogos de palavras e brincadeiras com fonética, que são sempre um grande desafio para a tradução. Neste trabalho, tenho o objetivo de trazer soluções para tais problemas e comparar minhas traduções com as publicadas no Brasil e as originais, analisando como certos obstáculos foram superados. Não menos importante, quero discutir estudos já realizados sobre a tradução do humor e tradução multimodal/intersemiótica, visando somar ao debate sobre esses temas que deveriam ser muito mais relevantes em um curso de tradução de nível superior.

PROBLEMA

Por quê as traduções de tirinhas e histórias em quadrinhos têm uma abordagem tão formal quanto às falas dos personagens? Como manter a oralidade na tradução sem pender muito para o coloquial e até mesmo cometer erros gramaticais ou ir na direção oposta, fazendo os personagens falarem na norma culta, tirando sua personalidade?

OBJETIVOS

Objetivo geral: Frisar a importância de trazer a oralidade para a tradução e trazer possibilidades para que isto seja feito.

Objetivos específicos:

- Reforçar o papel da oralidade na linguagem das tirinhas como parte da criação do humor;
- Comparar traduções publicadas com o texto original e as feitas por mim, explicando a necessidade de retradução
- Discutir os conceitos de tradução multimodal e intersemiótica
- Analisar as complicações relacionadas à tradução do humor
- Resolver tais complicações com soluções criativas.

METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido em várias etapas, são estas:

1. Leitura da obra e seleção de textos para o corpus. Foram 58 tirinhas escolhidas, de acordo com os seguintes critérios:

- Comparação da tradução publicada com o texto original. Existia algum erro de tradução, podendo ser tanto gramatical ou cultural?
- O texto publicado causava estranhamento no leitor?
- Era necessário ter lido uma tirinha anterior para entender a atual? (intertextualidade).

CAPÍTULO 1 - A OBRA

1.1 O autor e a obra

Garfield é uma tirinha diária composta por três quadrinhos, exceto no domingo, quando são sete quadros. A tirinha conta a história de Jon, um cartunista fracassado e seu gato Garfield, um felino gordo, preguiçoso e extremamente sarcástico. Garfield ‘fala’ por meio de pensamentos e ninguém além de outros animais pode entendê-lo. Outros personagens também têm sua importância na história, como o cãozinho Odie, que é amável, mas estúpido (ele não tem balões de pensamento); o colega de quarto de Jon, Lyman, que desapareceu após algum tempo de publicação – o autor queria manter o foco em Garfield e Jon. A família caipira de Jon também aparece muitas vezes quando Garfield e seu dono vão visitá-los. Por fim, dois outros gatos fazem parte do enredo: Nermal, um filhote que se autodenomina o gatinho mais fofo do mundo e cuja única finalidade é incomodar Garfield, e Arlene, namoradina de Garfield – o protagonista não é muito romântico, o que causa trocas de farpas sempre que os dois se encontram.

Segundo o texto Jim Davis, the Man Behind the Cat (2018), publicado no site oficial, Jim Davis, autor da obra, começou a desenhar graças a uma dificuldade: quando garoto, queria ser fazendeiro como seu pai, mas tinha crises de asma e precisava ficar no quarto, de cama. Para passar o tempo, ele desenhava toda sorte de coisas. Quando jovem, estudou Artes e Gestão de Negócios na faculdade até que foi trabalhar para Tom Ryan, ajudando na história em quadrinhos Tumbleweeds, que fala sobre a vida no velho oeste. Graças a este trabalho, Davis aprendeu como fazer tirinhas. Seu primeiro trabalho, Gnorm Gnat, não foi bem-sucedido. Após pensar em como continuar no ramo dos quadrinhos, ele percebeu que havia muitas tirinhas famosas sobre cachorros, mas nenhuma sobre gatos. Em sua infância na fazenda, Davis conviveu com cerca de 25 gatos. Garfield é uma combinação de todos os que o autor conseguiu se lembrar.

Alguns meses depois de estreiar em 41 jornais em 19 de junho de 1978, o Chicago Sun-Times cancelou a série. Porém, após centenas de reclamações dos leitores, o jornal voltou atrás e hoje Garfield é lido por mais de 200 milhões de pessoas, tendo até sua própria empresa, a Paws Inc., que cuida dos negócios da marca. Graças à empresa, Davis não desenha mais Garfield, mas ainda revisa todas as tirinhas antes da publicação.

Davis também aprecia os trabalhos feitos por fãs, como "garfield minus garfield", em que o criador Dan Walsh remove Garfield das tirinhas, transformando a série em uma crise existencial de Jon, onde o personagem fala sozinho e tem depressão.



(Dan Walsh, 2017)

Dois anos após sua estreia, Garfield já estava em mais de 100 jornais e lançava seu primeiro livro, "Garfield at Large". Um ano depois, sete de seus livros eram bestsellers do New York Times. Daí em diante, a obra começou a ser traduzida e alcançou sucesso mundial. É raro ver alguém que não conheça Garfield, e isso se deve muito às traduções.

Neste trabalho, usarei uma delas: Garfield – 2582 Tiras, publicada em 2009 pela L&PM e traduzida pela Intercontinental Press.

1.2 História das Tirinhas

O contexto histórico importa porque o corpus é composto por tirinhas que começaram a ser publicadas em 1978. Salvo por algumas referências culturais, o texto é atual e não causa estranhamento nenhum ao leitor de língua inglesa. Mas o curioso é que a tradução foi publicada em 2009 e soa muito estranha e formal.

Enfim, de acordo com o livro "How to Make a Comic (2017)", as tirinhas, como conhecemos hoje, começaram a circular por volta do fim do século 19. Mas desde os tempos da pré-história temos exemplos de arte sequencial, como as pinturas rupestres e os hieróglifos egípcios. O próprio alfabeto chinês se desenvolveu através de desenhos feitos para representar seres, objetos e situações do dia a dia.

Com a invenção da imprensa e sua modernização do século XV ao XVIII, palavra e imagem se separaram. Os materiais impressos, que antes tratavam apenas de assuntos religiosos, começaram a abordar temas cotidianos, incluindo caricaturas. Foi nessa época também que os balões de fala foram inventados, de modo a juntar fala e imagem. Importantes obras sobreviventes da época incluem *A Rake's Progress*, por William Hogarth (1726), que satirizava a política na Inglaterra. Sua importância é tão grande que até hoje ilustrações satíricas são chamadas de "hogartianas". A partir

do século XIX, as tirinhas já eram um gênero estabelecido. No Brasil, o pioneiro do gênero foi Mauricio de Sousa, criador da Turma da Mônica, com a tira “Bidu” no fim da década de 1950. Agora que estabelecemos o contexto histórico, vamos tratar do gênero textual tirinhas.

1.3 Tirinhas - Gênero textual

As tirinhas são um tipo de texto que faz parte do hipergênero quadrinhos, que também englobam charges e HQs. (UNIVERSIDADE ESTADUAL DA AMAZÔNIA, 2012) Will Eisner, professor na Escola de Artes Visuais de Nova York, escreveu em seu livro *Comics and Sequential Art* (1985) que tirinhas são um tipo de arte sequencial, que usa imagens em sequência para contar uma história. Outro especialista no assunto, Scott McCloud, diz em *Reinventando os Quadrinhos* (2005) que a base do gênero histórias em quadrinhos é a passagem do tempo ilustrada pelo meio de imagens colocadas uma após a outra. O autor acredita que o potencial do gênero é infinito, mas que atualmente usamos suas ferramentas de modo limitado e por isso não conseguimos explorar as possibilidades dos quadrinhos de maneira adequada, como outras eras o fizeram. McCloud também argumenta que os quadrinhos são um idioma que inclui todos os símbolos visuais e escritos.

Ou seja, tirinhas são muito mais que um meio bobo de fazer o leitor rir, e deveríamos levá-las mais a sério. No Brasil, por exemplo, as tirinhas são muito usadas no ensino de língua portuguesa. Mafalda, Calvin e Haroldo, e até o próprio Garfield são os grandes protagonistas das aulas de gramática. E claro, as tirinhas usadas nas aulas são traduções, o que enfatiza ainda mais a importância de se traduzir tais obras. Por exemplo, quase sempre que aprendíamos algo sobre ambiguidade existia alguma tirinha no meio.

Apesar de autores como Eisner e McCloud defenderem que as tirinhas deveriam ser usadas e debatidas de modo mais sério, e mesmo que já existam muitas histórias que tratam temas como racismo, homofobia e até mesmo a realidade de civis durante as guerras, é indiscutível hoje, que sua maior aplicação ainda é o humor, principalmente as tirinhas veiculadas em jornais, que tratam de assuntos cotidianos e são feitas para distrair. Mas apesar de serem publicadas diariamente em jornais, hoje a maior parte de nós consome esse meio em nossos celulares, tablets e laptops. De acordo com Rosa (2013), “a fruição desse tipo de narrativa é mais rápida na vida do leitor contemporâneo que cada vez mais se vê exigido, quando a comparamos ao livro em prosa, por exemplo, deixando-o com poucas opções de dedicação ao bem talvez mais precioso de sua formação que é a leitura.”

Também graças ao advento da internet, hoje, mais do que nunca, obras podem ser compartilhadas e conhecidas mundialmente. Mas para que isso aconteça, a tradução é extremamente importante.

1.4 Características linguísticas do gênero textual

Antes de tratar da tradução do humor e da tradução intersemiótica/multimodal, é necessário discutir os aspectos linguísticos das tirinhas. Neste gênero, apesar de a linguagem ser muito mais “simples” do que em um texto acadêmico, por exemplo, há muito mais particularidades a serem consideradas na hora da tradução, pois as imagens também influenciam neste processo.

A característica mais notável do gênero é o uso de balões para expressar fala ou pensamento. Algumas obras usam outros tipos de balões quando o personagem está gritando ou sussurrando, ou negrito e fonte em tamanho menor para representar as mesmas situações. Um texto em vermelho pode representar tanto raiva, ira ou romance dependendo do contexto. Já que as tirinhas se tratam apenas de imagens, sem som, o uso de onomatopeias é extremamente importante. Muitas vezes, elas podem ocupar um quadrinho inteiro. É relevante notar que “a partir do momento que se tem uma informação visual inserida no contexto verbal, novos sistemas de leitura são ativados, conectando conhecimentos prévios do leitor para a compreensão do texto.” (NASCIMENTO, 2014)

A oralidade também é um aspecto importante, que deveria ser mais estudado. Muitas vezes, as falas são traduzidas de jeito muito formal, o que acaba tirando a personalidade dos personagens.

Também de acordo com Nascimento (2014), os diálogos apresentam uma oralidade fingida, escritos de forma que passem uma sensação de serem orais. Este efeito pode ser atingido com estratégias criativas que passem a impressão de que o que se está lendo é a fala real de um personagem. (BRITTO, 2012, p.87). Porém, sabemos que isso acontece apenas no texto original. Como dito anteriormente, na maioria das vezes os diálogos são traduzidos na norma culta e todos os personagens falam da mesma maneira.

Ainda se tratando da oralidade, é interessante analisar alguns conceitos encontrados nas falas dos personagens, como onomatopeias, interjeições, ambiguidades e figuras de linguagem.

As onomatopeias são um tipo de palavra que imita sons. Ramos (2010 p.69-83) traz alguns exemplos como BAM! BAM (tiros), POCOTÓ POCOTÓ (cavalgada), BZZZ, BZZZ (conversa secreta) e AH, AH, AH! ou RA, RA, RA! (risadas). Elas podem parecer algo bobo ou desnecessário, mas trazem uma camada de realidade ao texto e permitem que o leitor "escute" o áudio da cena que está lendo.



Nesta tirinha, por exemplo, a onomatopeia “PLOP” representa o som do ursinho Pooky caindo na mesa.

Embora pareça algo trivial, é essencial diferenciar as onomatopeias, que representam sons, das interjeições, que expressam um sentimento do personagem. De acordo com Meireles (2014), ambas podem apresentar vários sentidos, mas, no caso das interjeições, sua polissemia é mais evidente, pois até uma letra (a), que nos quadrinhos é representada como “AH”, pode demonstrar alegria, espanto, surpresa, dúvida, questionamento, etc. Tudo depende da entoação e da duração da vogal no momento em que o personagem fala. Com isso, podemos concluir que interjeições só adquirem significado no momento da fala, e por consequente, têm uma função diferente das onomatopeias numa narrativa.

Outra diferença significativa trazida por Meireles é que as interjeições são discurso direto, e são parte do sistema de uma língua. Já as onomatopeias são formadas através de um “processo de representação de sons de natureza diversa através dos fones de uma língua”, ou até mesmo empréstimos de outro idioma.

No que se refere à ambiguidade, Ilari e Geraldi (2006) afirmam que ela decorre da possibilidade de interpretações alternativas para uma sentença. Pode ocorrer por palavras que apresentam uma única forma e sentidos diferentes ou pela estrutura sintática das frases. Também há os casos em que as palavras nada têm em comum na escrita, mas se confundem na fala. De acordo com Cançado (2008), existem vários tipos de ambiguidade, entre os quais sintática, semântica, de escopo e lexical. Também de acordo com Poll (2015), o humor e a associação entre linguagem verbal e não-verbal causam um ambiente muito propício à ambiguidade como mecanismo para a produção de humor usando elementos como ironia e sarcasmo.

Todos esses conceitos são raramente explorados pelos pesquisadores da área de linguística e tradução por puro preconceito, dado que quadrinhos são considerados literatura de baixo valor. Mas se investirmos nos estudos deste gênero podemos ver que ele pode trazer muitos benefícios e

conceitos interessantes não só para a tradução, mas para todos os estudos linguísticos. Estes assuntos também serão tratados nos próximos capítulos, quando abordaremos a tradução do humor e intersemiótica/multimodal.

CAPÍTULO 2 - TRADUÇÃO DO HUMOR E INTERSEMIÓTICA

2.1 Tradução do Humor

A tradução do humor é um assunto que tem sido discutido há décadas, mas que nunca parece chegar a um consenso. Um dos livros mais importantes que temos sobre o assunto é *Tradução de humor: transcribando piadas*, de Marta Rosas (2002). O livro é dividido em duas partes. A primeira discute a tradução do humor de forma mais teórica, citando outros teóricos como Reiss e Werner, que acreditam que a finalidade do texto de chegada é muito mais importante do que manter a fidelidade ao texto original. Já na segunda parte, Rosas traz exemplos traduzidos por ela mesma em vários casos, como quando fatores culturais do texto original dificultam a tradução; quando existem ‘coincidências linguísticas’, por exemplo: uma palavra que tem o mesmo significado ambíguo em ambas as línguas de partida e chegada; e mostra o que acontece quando se traduz piadas literalmente em contraponto a traduzir com soluções criativas.

“Um excelente exemplo é *Mr. Speaker, this is a phony exemple with a capital F*, para o qual Rosas apresenta várias hipóteses, todas muito interessantes: *Sr Presidente, este projeto é uma embuste com I maiúsculo (uma impostura com E, uma charlatanice com X etc.)*.” (Possenti, 2003)

No artigo *Tradução (d)e piadas* (2003) de Sírio Possenti, que trata do livro de Rosas, há um questionamento muito pertinente sobre o assunto. O autor indaga sobre os limites da teoria para garantir que uma versão ainda é uma tradução ou um texto totalmente novo quando uma piada é substituída por outra com o mesmo efeito e mesmo tema ao invés de ser traduzida palavra por palavra.

Em muitas situações, é melhor priorizar o leitor e recriar uma piada que realmente tenha graça, do que priorizar o texto original e traduzir a piada literalmente. Muitos leitores reclamam disso e se sentem ‘traídos’ pelo tradutor, mas se todas as piadas forem traduzidas literalmente e não tiverem graça, o texto deixa de ser um texto de humor, certo?

Neste trabalho tento mostrar que uma das partes mais importantes de se traduzir em tirinhas é manter a oralidade, afinal, os personagens estão falando. Não é um texto em prosa, não é um narrador. São personagens, que têm características e personalidades diferentes. Todos nós falamos de maneira diferente, a fala é uma maneira de representar quem somos. Então, por que nas traduções todos os personagens falam da mesma forma, na norma culta? Nenhum de nós usa ênclise ao falar, a não ser que esteja lendo um texto em voz alta. Esta forma de traduzir deixa os personagens todos iguais e insossos.

Muitos teóricos, ao discutirem sobre a tradução do humor, focam nas diferenças culturais ou ambiguidades linguísticas. Se recriamos referências culturais e até conseguimos achar soluções criativas para reproduzir a ambiguidade no texto de chegada, por que não fazer o mesmo com o modo que os personagens falam?

2.2 Tradução Intersemiótica/Multimodal

É pertinente começar o tópico com uma citação de Ribeiro (2013) que diz que “todo texto carrega em si um projeto de inscrição, isto é, ele é planejado, em diversas camadas modais (palavra, imagem, diagramação, etc.) e sua materialidade ajuda a compô-lo, instaurando uma existência, desde a origem, multimodal”. Os quadrinhos não são exceção, sendo considerados textos multimodais. Segundo Cunha (2012) uma das bases da tradução intersemiótica é que quando se traduz um texto de uma linguagem para outra, outra mensagem é criada, ou seja, apesar de a história ser igual, as mensagens não são.

Os estudos em tradução intersemiótica costumam focar mais em adaptações audiovisuais, mas as histórias em quadrinhos também entram nesse escopo. Existem as mesmas discussões e reclamações sobre fidelidade e adaptação que tormentam os tradutores. Os quadrinhos compartilham várias características com programas de televisão, propagandas, filmes, etc, e no que se refere à sua tradução, trazem vários problemas. De acordo com Faveri e Silva-Reis (2016), isto se deve à característica multimodal do texto que compõe os quadrinhos, que combina imagem e texto. Segundo eles, os quadrinhos trazem problemas únicos à teoria e prática de tradução por unirem dois registros semióticos.

Os mesmos autores explicam que a tradução de quadrinhos pode ser vista como tradução intersemiótica (adaptação de literatura), processo de tradução editorial (HQ estrangeira traduzida), ou tradução visual (processo de tradução de um tradutor/desenhista, ou seja, apagar um desenho e pôr outro). Ou seja, os problemas não são apenas linguísticos, mas também da modalidade tradutória.

Rosa (2010) concorda com McCloud (2004) no sentido da narrativa se desenrolar pela “leitura contínua de quadro após quadro, assemelhando-se ao continuum formado em filmes.” (MCLOUD, 2004, p.66) McCloud também afirma que os leitores preenchem os espaços em branco entre cada quadrinho com informações prévias, reforçando a intertextualidade presente no gênero. Graças a esta intertextualidade, a sequência de quadrinhos se transforma em uma única ideia.

Para os fins deste trabalho, a abordagem é parecida com a dos autores citados acima. As tirinhas são como uma espécie de desenho animado em câmera lenta, em que cada cena é um quadrinho, e onde

podemos ver as falas dos personagens em vez de ouvir. Esta afirmação remete a um trecho do artigo de Aragão e Zavaglia (2010), onde as autoras citam Wolk (2007) para discutir sobre a percepção dos leitores de quadrinhos. De acordo com Wolk, da mesma forma que duas pessoas não experimentam o mundo da mesma maneira, duas pessoas não lerão quadrinhos do mesmo modo, tanto no original (autores, ilustradores e leitores) quanto na tradução. Eisner (2005) traz um pensamento muito adequado ao que foi citado anteriormente:

“Nos quadrinhos, ninguém realmente sabe dizer ao certo se as palavras são lidas antes ou depois de se ver a imagem. Não temos evidência real de que elas são lidas simultaneamente. Existe um processo diferente de conhecimento entre ler palavras e imagens.” (2005, p. 63)

Com a base teórica estabelecida, podemos começar a tradução focada na oralidade e sua respectiva discussão.

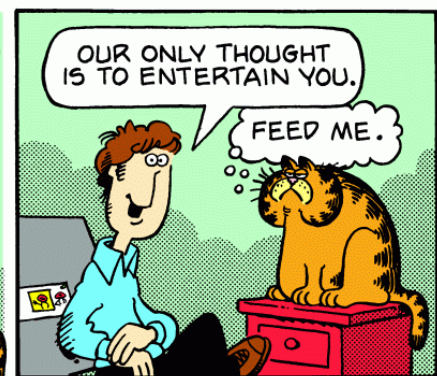
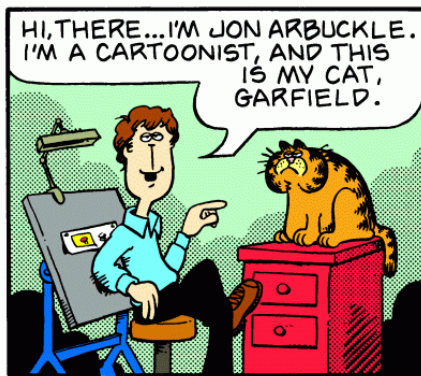
CAPÍTULO 3 – RELATÓRIO: TRADUÇÃO E DISCUSSÃO TEÓRICA

A principal motivação para este trabalho é que a tradução publicada soa muito formal e estranha, enquanto no original, mesmo as tirinhas mais antigas soam naturais e atuais, salvo por algumas referências culturais, como quando uma das tirinhas cita um jogador de baseball famoso na década de 70. É claro que a simplicidade é uma característica da língua inglesa, ao contrário da portuguesa, que tem muitas palavras para o mesmo conceito e muitos jeitos de se dizer a mesma coisa. É por isso que a retradução é importante: pois nossa língua está sempre mudando. A publicação mais antiga inclusa na coletânea 2582 tirinhas foi publicada em 2005, treze anos atrás, o que não justifica tamanho estranhamento causado pelas falas dos personagens, por causa do grave problema de registro. Por exemplo, nenhum falante fala com ênclise, a não ser que esteja lendo algo em voz alta. Por isso, minha abordagem é mais coloquial. Porém, é importante lembrar que, conforme dito nos capítulos anteriores, a oralidade nos quadrinhos é fingida. Portanto, não exagerei a ponto de usar plurais errados, por exemplo, mesmo que as pessoas realmente falem desta maneira.

Minha metodologia foi a seguinte: abreviar alguns verbos como “está” = “tá”, preposições “para” = “pra”, consertar inconsistências na publicada como alguns nomes estarem traduzidos e outros não, ou estarem traduzidos de modo diferente em tirinhas variadas, ou onomatopeias que em certas tirinhas foram traduzidas e em outras não, mudar palavras que hoje seriam consideradas ofensivas, remover ênclises, mudar frases em que a ordem adjetivo-substantivo aparece na fala de um personagem, arrumar piadas e expressões idiomáticas traduzidas literalmente.

Outra parte importante é que para os fins deste trabalho, há dois tipos de onomatopeias: as que são a representação gráfica de um som e as que representam uma situação usando o verbo da ação que está ocorrendo. Também sobre as onomatopeias, deve-se notar que não há um consenso sobre a tradução destas palavras e seu uso em português, portanto tive que recorrer a dicionários online ou criar onomatopeias.

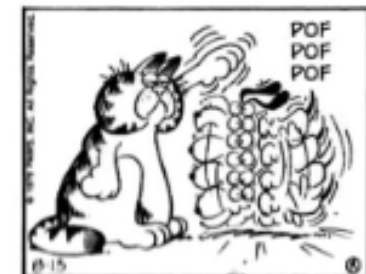
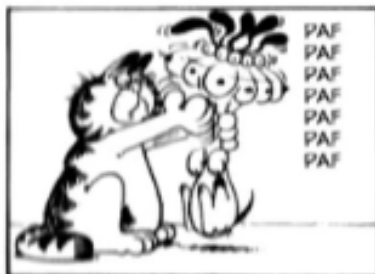
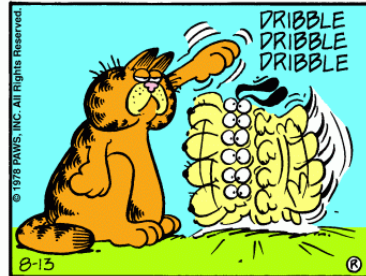
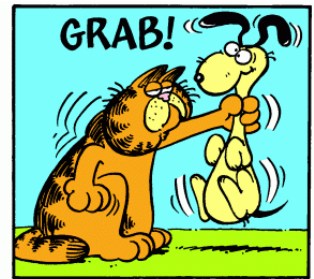
O público-alvo consiste em pessoas de todas as idades. Quanto à organização, a ordem das tirinhas sempre será a seguinte: texto original, tradução publicada e a minha tradução.

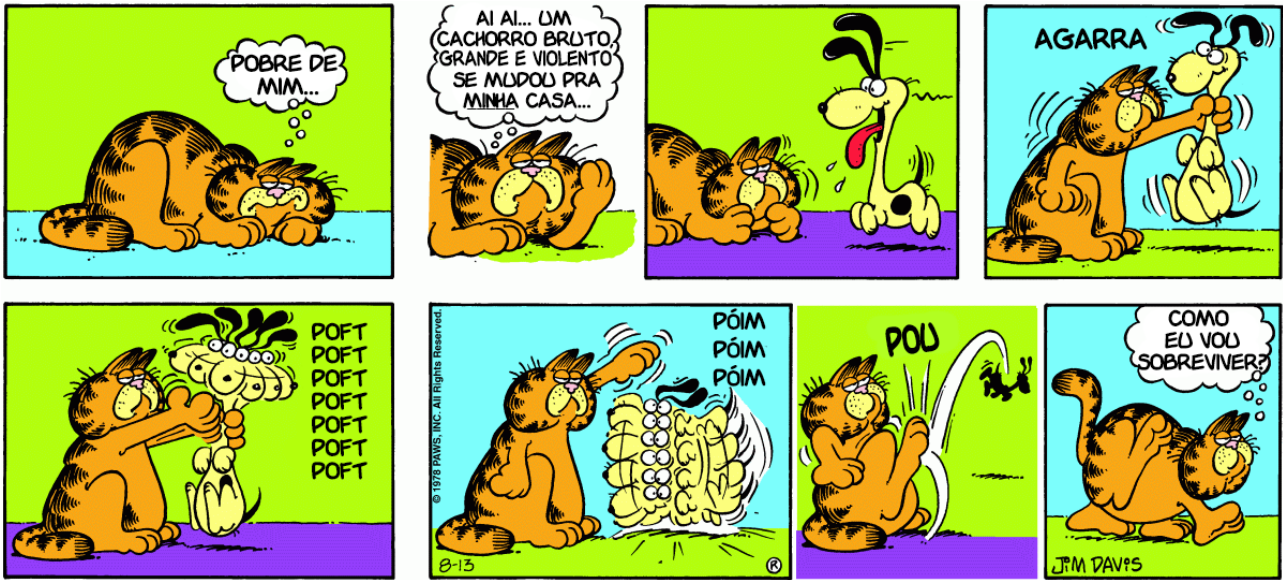


Esta foi a primeira tirinha da série Garfield, e por isso, é referenciada em outras, principalmente nos aniversários de Garfield. Sobre a tradução publicada, palavras como “olá”, “este”, não fazem parte da língua oral. Portanto, usei “oi”, “esse”. Outra coisa é que na tradução publicada, ‘cartoonist’ foi traduzido como ‘desenhista de animação’, sendo que a palavra ‘cartunista’ tem o mesmo sentido e ocupa menos espaço, fator importante nas tirinhas já que as falas estão limitadas ao tamanho do balão. Um último comentário é que a fala ‘feed me’ é bem icônica na série, e futuramente são feitas referências a ela. Não poderia usar ‘alimente-me’ pela questão da oralidade, e ‘me dá comida’ não cabia no balão. Portanto, usei ‘tô com fome’ e nas tirinhas em que ‘feed me’ aparece novamente, traduzi da mesma forma. Na publicada, isso não acontece, como veremos mais adiante.

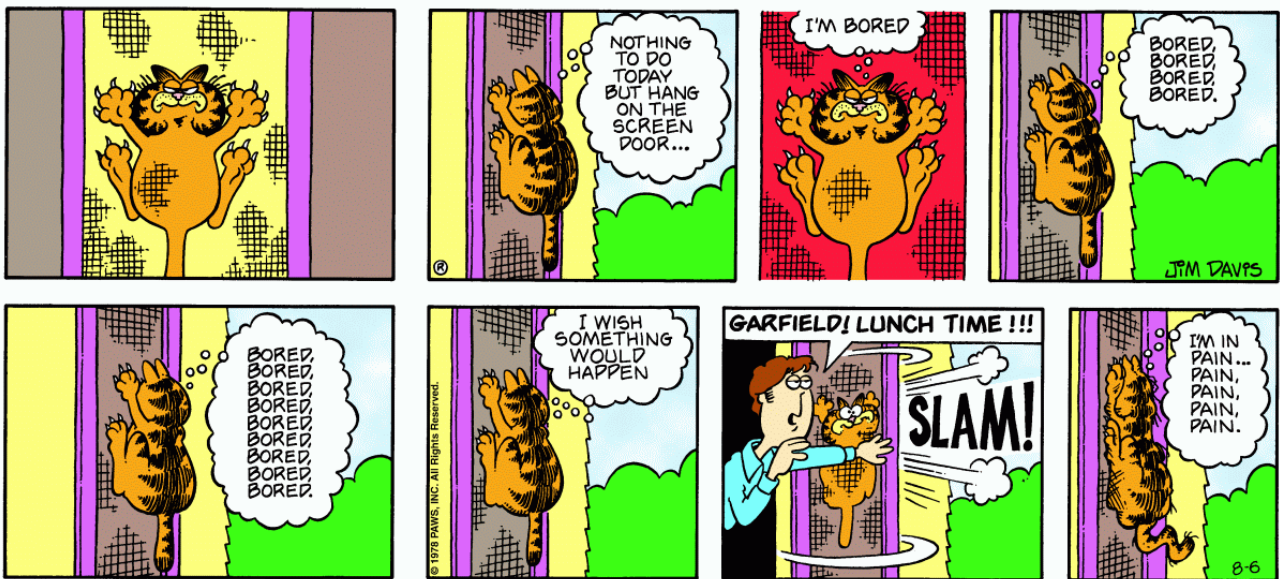


Em linguagem natural, não falamos em ênclise. “Pegue-o” soa muito estranho e não parece que uma pessoa está falando isso. Outra coisa é que a piada no quadrinho final, na tradução publicada, foi traduzida palavra por palavra, e não soa tão engraçada em português. Por isso, troquei pela expressão “x nada mais é do que y”.



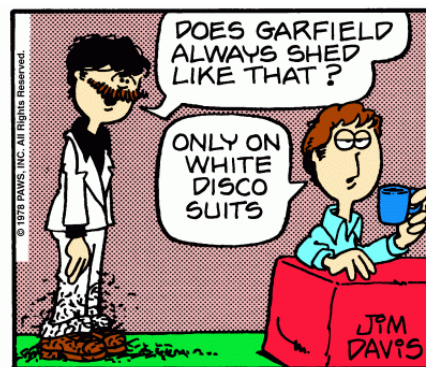


Na tradução publicada, a interjeição no segundo quadrinho foi apagada, e o sublinhado para dar ênfase no fato de que Garfield acha que a casa é dele também. As onomatopeias também não foram traduzidas, uma das muitas inconsistências da publicação.

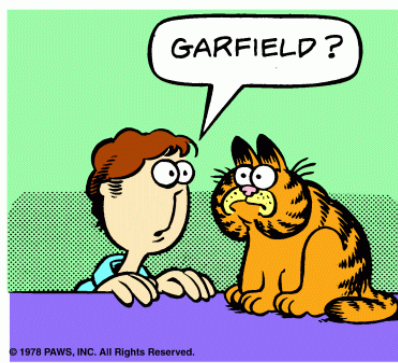




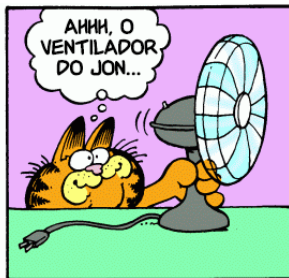
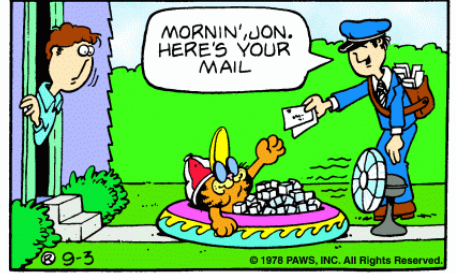
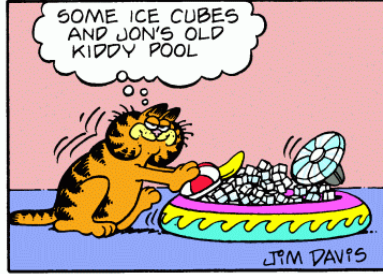
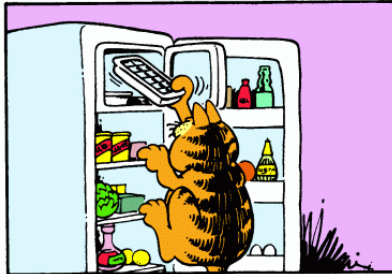
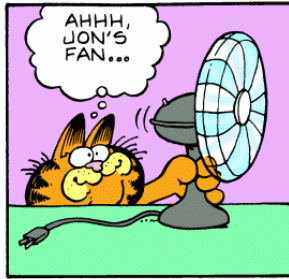
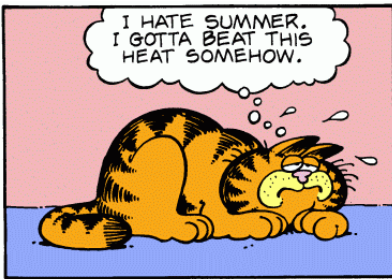
Primeiro, traduzi de maneira menos formal: “não tenho nada **pra** fazer”. Segundo, no original a expressão é “screen door”, não “door screen”, ou seja, a porta é de tela, a tela não é da porta. Terceiro, Garfield fala que está entediado e o humor da tirinha está na repetição, e isso é meio perdido na publicada, porque o tradutor adicionou uma interjeição e proposição onde não existia, o que diminui o efeito da repetição.



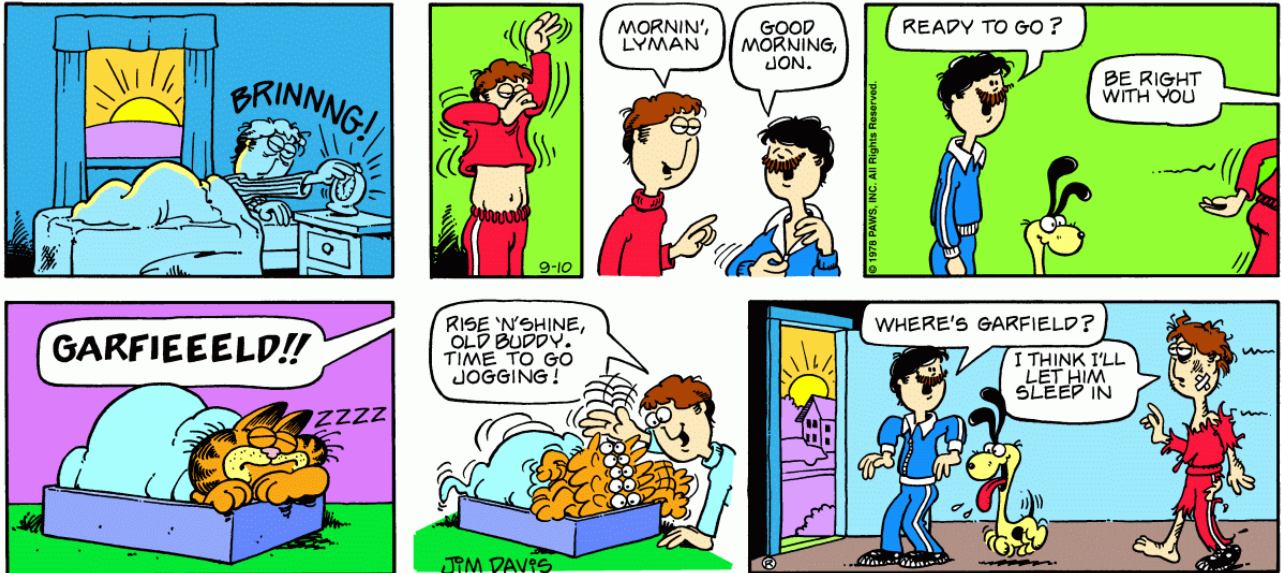
No original, Lyman pergunta sobre uma roupa (outfit), mas na tradução publicada a palavra usada foi “terno”. A expressão “largar pêlo” soa muito estranha, pois ninguém fala assim. O humor da tirinha também é perdido na tradução publicada, pois *disco suit* não é apenas um terno, é uma roupa muito brega. No original, Jon também não menciona que Garfield solta pelo em roupas **novas**, e sim em *disco suits* brancos. Decidi usar ‘roupas brancas e bregas’ pois o sentido (a cor branca e o fato de *disco suits* serem bregas) é mantido.

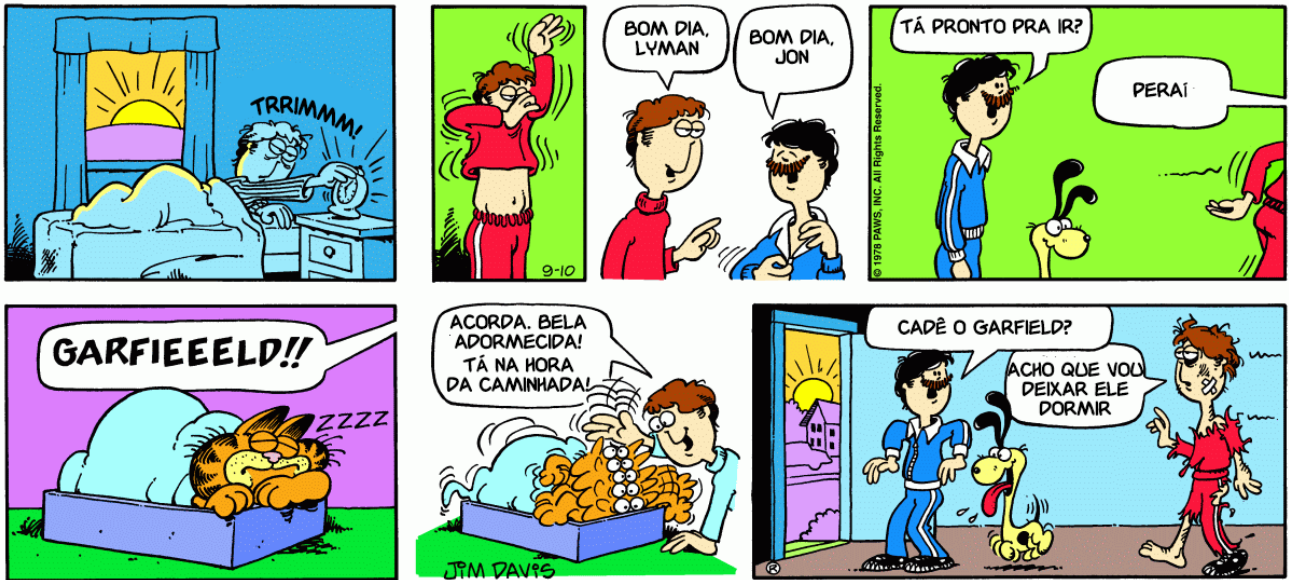


No original, Jon não está bravo com Garfield, e a tradução publicada dá essa impressão por causa da exclamação. “Snapped his mind” tem o sentido de enlouquecer, como se a mente da pessoa tivesse quebrado. Traduzi como “acho que matei ele” porque Garfield está com uma expressão vidrada e Jon está preocupado.



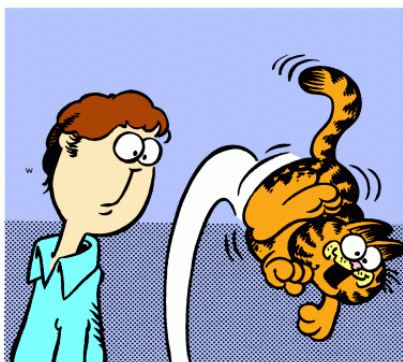
Ninguém fala naturalmente na ordem adjetivo-substantivo. Sempre usamos substantivo-adjetivo. Até porque esta troca de ordem muda o sentido da frase. Na publicada, a expressão “beat the heat” foi traduzida literalmente. Por isso, usei “me refrescar”.





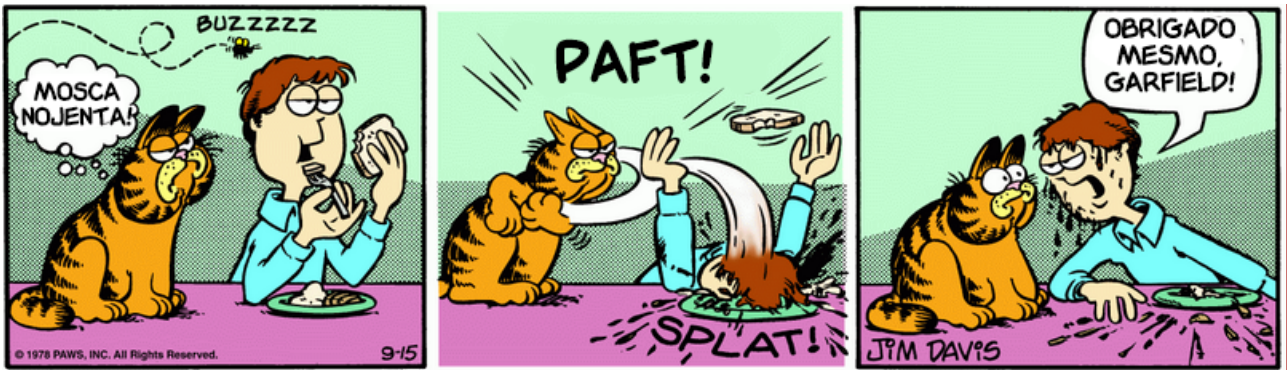
Primeiro, traduzi a onomatopeia do telefone, o que não aconteceu na publicada. Para a expressão “rise and shine”, usei “acorda, bela adormecida”. Na tradução publicada, a palavra “jogging” não foi traduzida, o que pode confundir leitores que não conhecem a palavra em inglês. Por isso, usei “caminhada.”



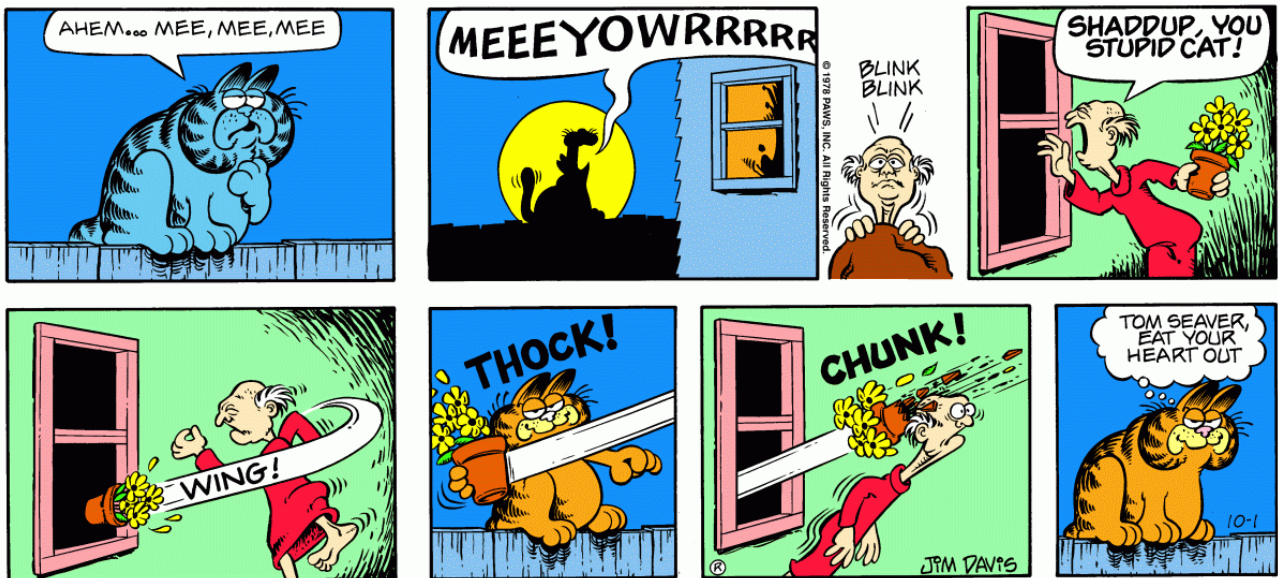


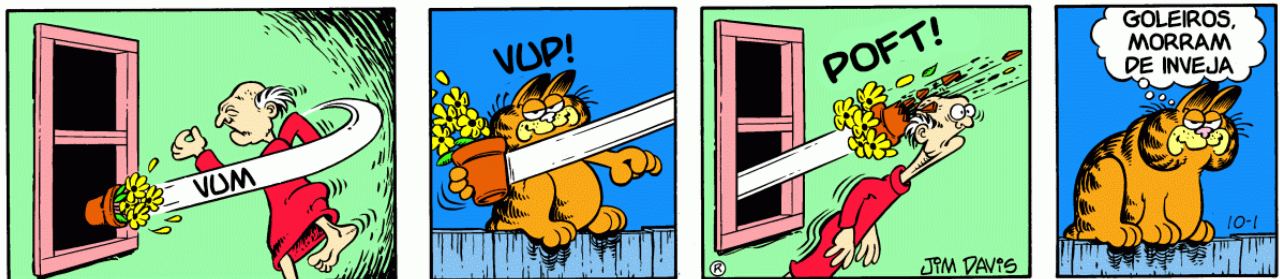
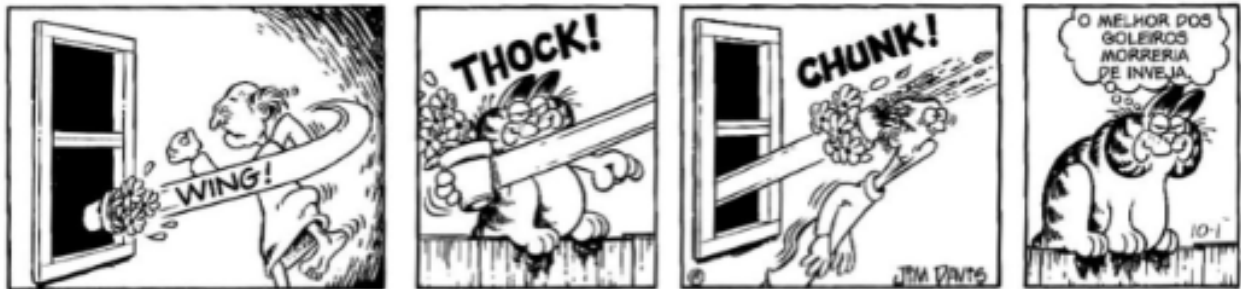
Como explicado anteriormente, algumas vezes as onomatopeias são os sons das ações, outras vezes são os verbos que fazem este papel. Esta tirinha faz parte do segundo caso, mas na tradução publicada, são usadas onomatopeias que não tem relação com o que está acontecendo, como “splash”, usada para barulho de água. Isso confunde os leitores, que não entendem bem o que está se passando. Na minha tradução, usei os verbos, assim como no original. Outro problema com a tradução publicada é uma inconsistência com o registro. Considerando a forma como as outras tirinhas foram traduzidas, deveria ter sido “Garfield, saia já do lixo”.



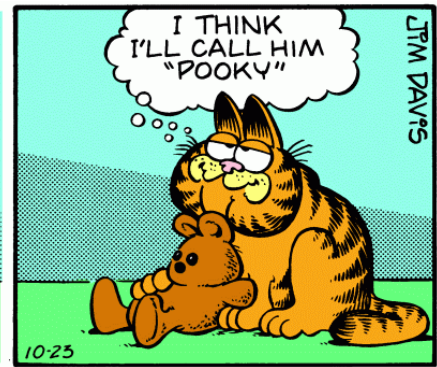
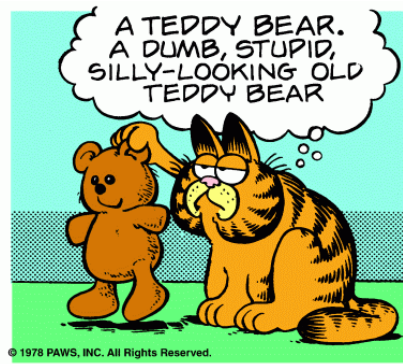


A tradução publicada acrescenta uma piada que não existe no original, e mesmo sendo uma boa piada, acredito que não é o papel do tradutor tentar corrigir ou modificar a obra original. Por isso, na minha tradução mantive o que estava sendo dito, mesmo que não tenha tanta graça.

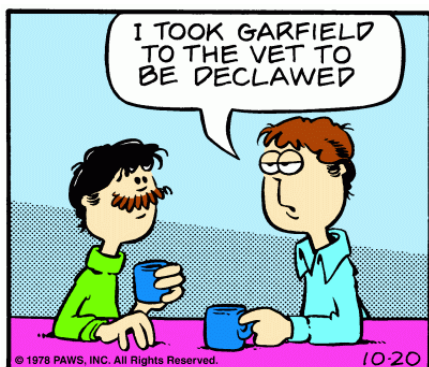




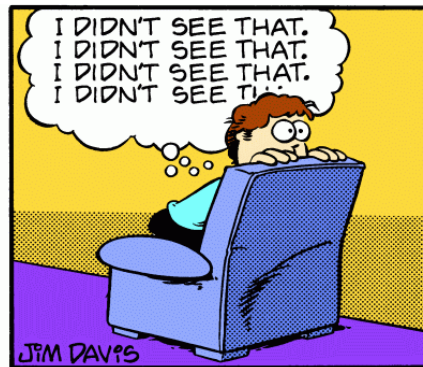
A tradução publicada traz uma solução inteligente ao problema cultural apresentado: Tom Seaver era um jogador de baseball famoso na época em que a tirinha original foi feita, mas os leitores não teriam este conhecimento sem pesquisar. Acredito que usar “goleiro” foi uma boa ideia. O problema é que as onomatopeias não foram traduzidas, o que causa certo estranhamento.



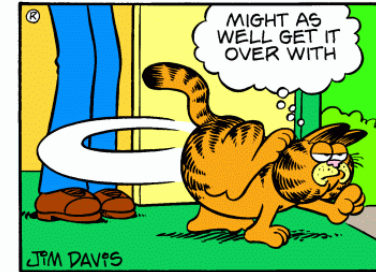
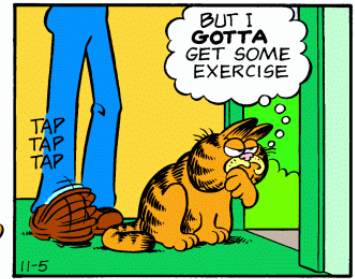
“Parvo” é uma palavra que quase nenhum leitor entenderia. Novamente, a ordem adjetivo-substantivo aparece. Também acrescentei registros de oralidade, como nas tirinhas anteriores.



“Claw” significa garra, e não unha. A voz ativa no segundo quadrinho muda um pouco o sentido da tirinha, pois não é o sujeito que vai tirar os próprios pontos, os pontos serão removidos dele. No último quadrinho, pensei em transformar a frase em uma afirmação: “eu não tava falando do Garfield”, mas não queria mudar o sentido do texto original.

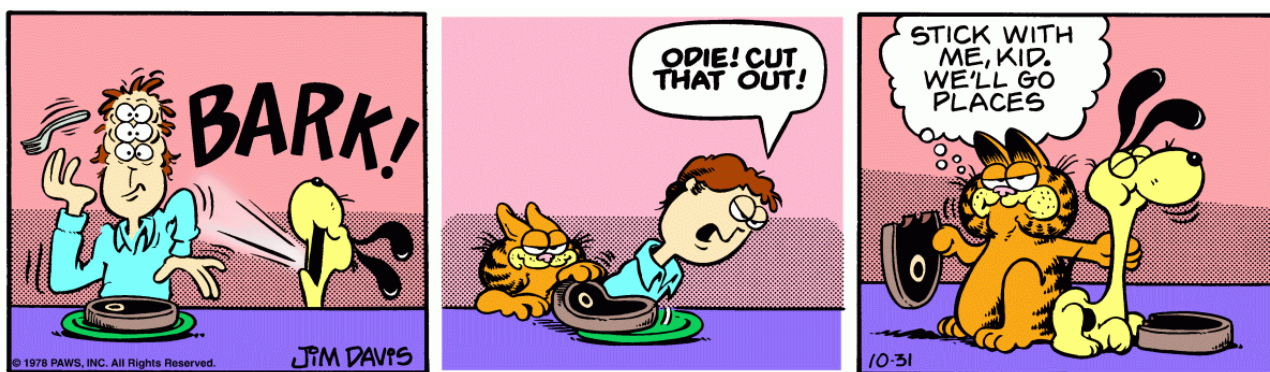


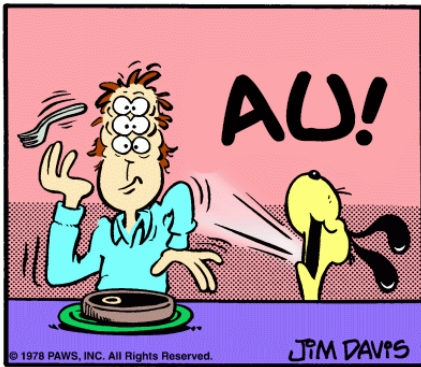
O humor do texto original está na repetição, e mais uma vez, isso é perdido na publicada. Outra coisa interessante é que o texto fica atrás de Jon no terceiro quadrinho, sugerindo que ele continuou repetindo. Tentei manter isso na minha versão.



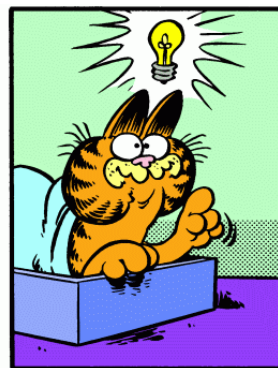


A ênfase em “gotta” é perdida na publicação, na minha tradução usei o negrito. Outro ajuste foi o registro e a remoção da ênclise.

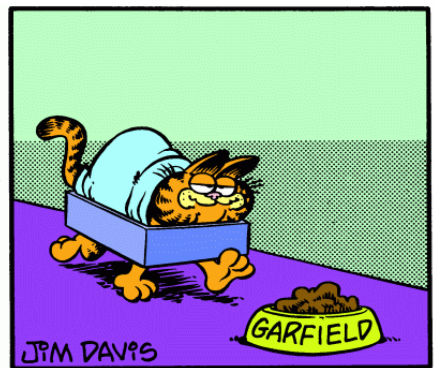




“Junte-se a mim, assim vamos longe” soava muito formal, decidi usar uma expressão mais coloquial. Outra coisa que reparei é que na tradução publicada, Jon fala “pára” em vez de “pare”, caracterizando uma inconsistência com as tirinhas onde o imperativo sempre tem a terminação correta.

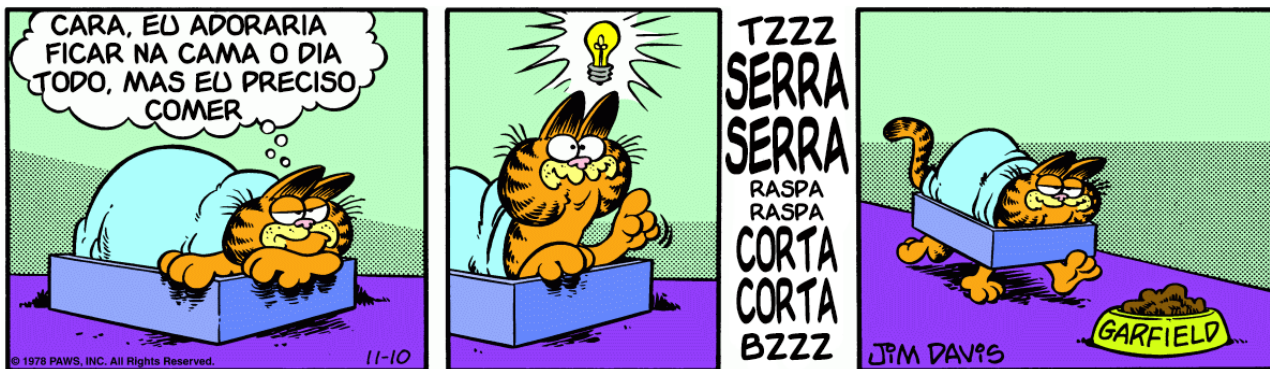


BUZZ
SAW
SAW
SCRATCH
SCRATCH
CUT
CUT
BZZZ

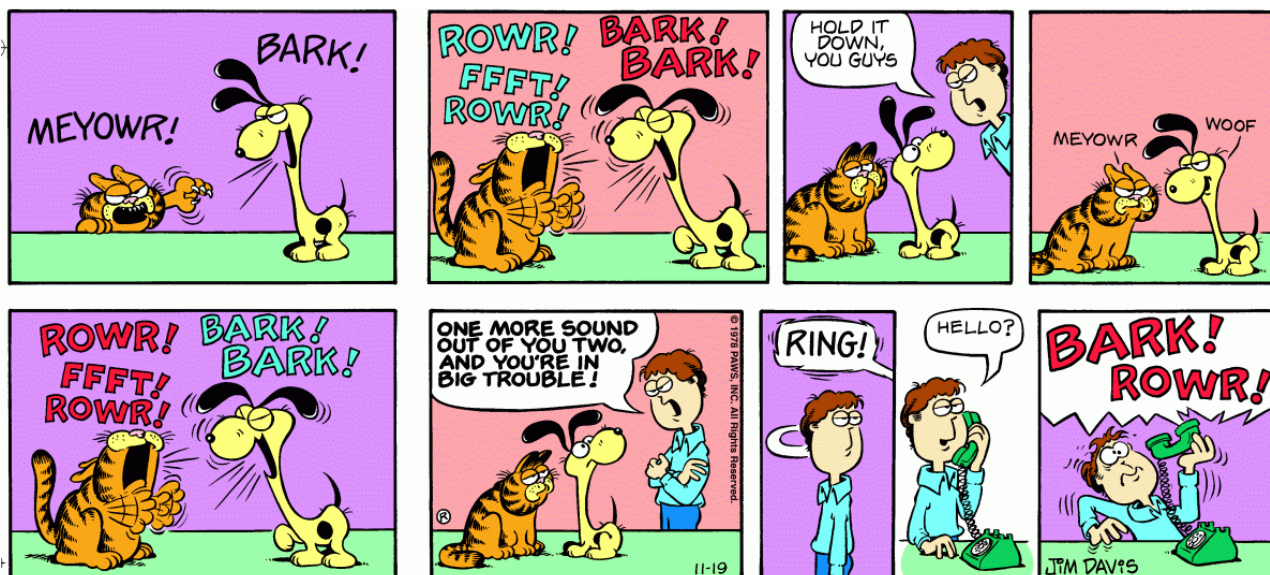


BUZZ
SAW
SAW
SCRATCH
SCRATCH
CUT
CUT
BZZZ



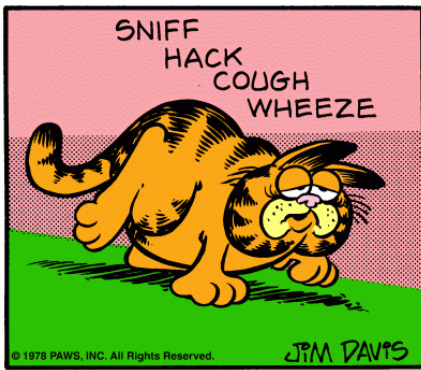


A expressão “gee” virou uma interjeição na tradução publicada, mas na minha, mantive como um vocativo. Outro problema grave é que as onomatopeias não foram traduzidas, o que impede o entendimento da tirinha se o leitor não tiver algum conhecimento na língua inglesa.

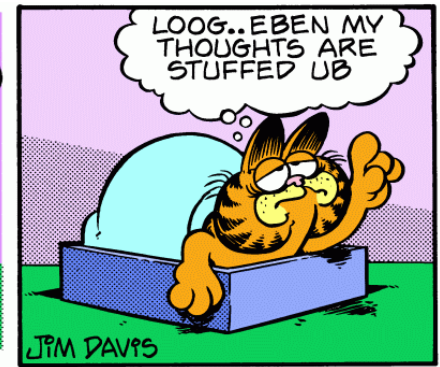
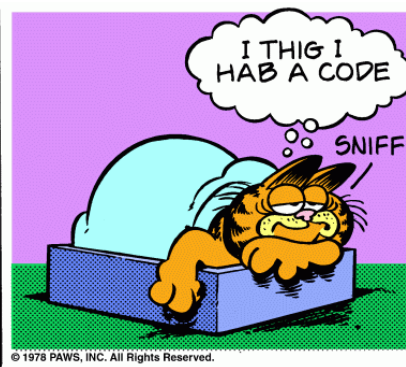




As onomatopeias dos sons de Garfield não são traduzidas na publicação, e como não há um consenso ou dicionário oficial de onomatopeias, decidi usar “rawr” para os ‘rugidos’ de Garfield. Também tentei manter o formato e cor das onomatopeias. Usei a expressão “mais um pio” porque ela faz parte da língua oral.

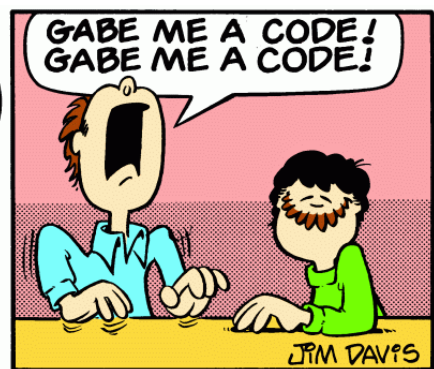
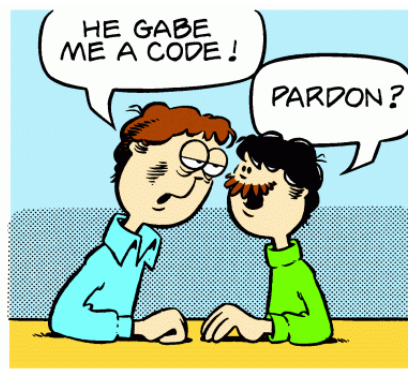
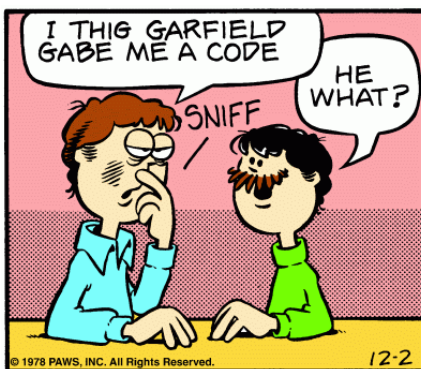


Como dito na tirinha anterior, não há um consenso sobre onomatopeias em português. “Sniff” aparece em dicionários online e outras histórias em quadrinhos traduzidas, então decidi manter como no original.





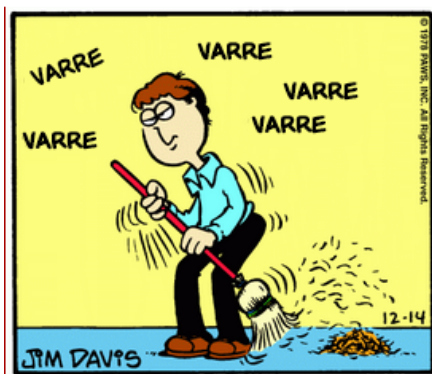
A graça da tirinha vem da forma que Garfield fala quando gripado. Por isso, é importante manter a fonética das palavras. Tem uma inconsistência: no segundo quadrinho da tirinha publicada é trocado o 'p' pelo 'b', e no último quadrinho é trocado o 'p' pelo 'd'. Além disso, não falamos a letra 'q' errada quando estamos gripados. Foi alterada a expressão 'ora bolas' para uma mais usual. E o uso da expressão 'fanho' foi inadequada, pois remete à uma fala anasalada, sendo substituída por 'entupido' para fazer jus ao acontecimento do quadrinho.



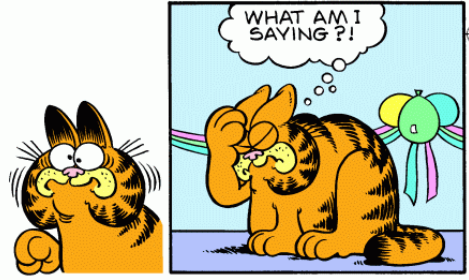
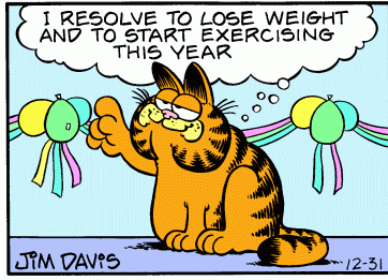


A saga da gripe continua nesta tirinha. Assim como na anterior, os fonemas não são consistentes: na primeira tirinha, é usado 'Darfield', substituindo o 'g' por 'd', mas no segundo quadrinho é falado 'gripe' normalmente. Na tirinha anterior, ele trocou o 'p' pelo 'd', mas nesta ele não trocou. No segundo e terceiro quadrinhos, foi alterada a estrutura original: em vez de 'ele me passou uma gripe', é escolhido 'uma gripe'. É notável que falta informação pois sobra muito espaço no balão, podendo levar o leitor a crer que falta informação.



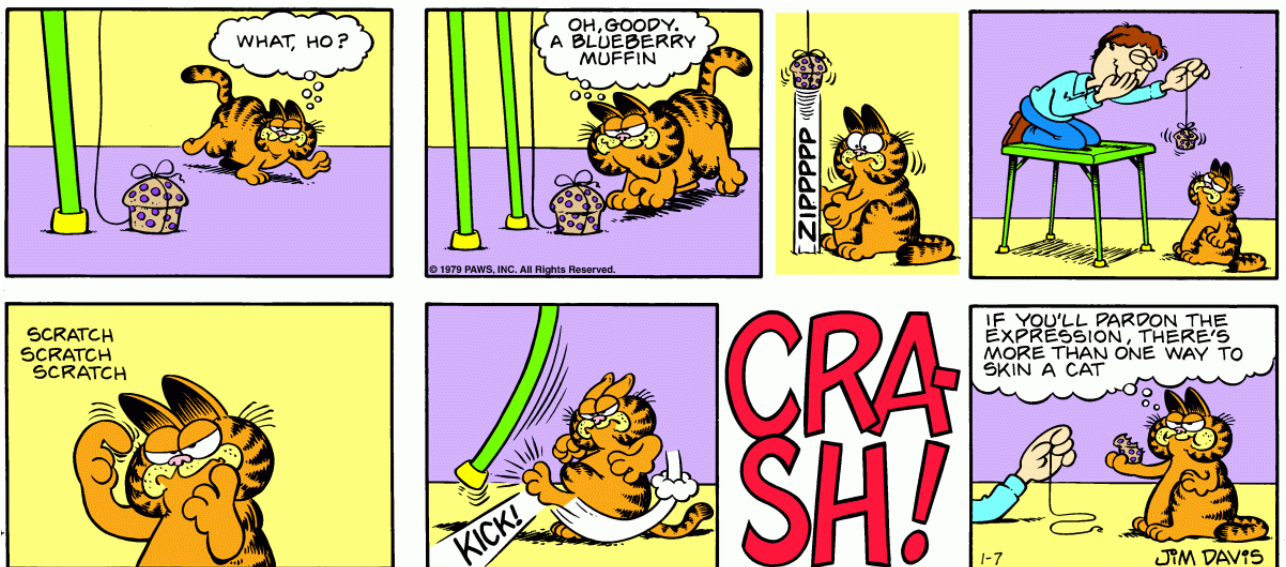


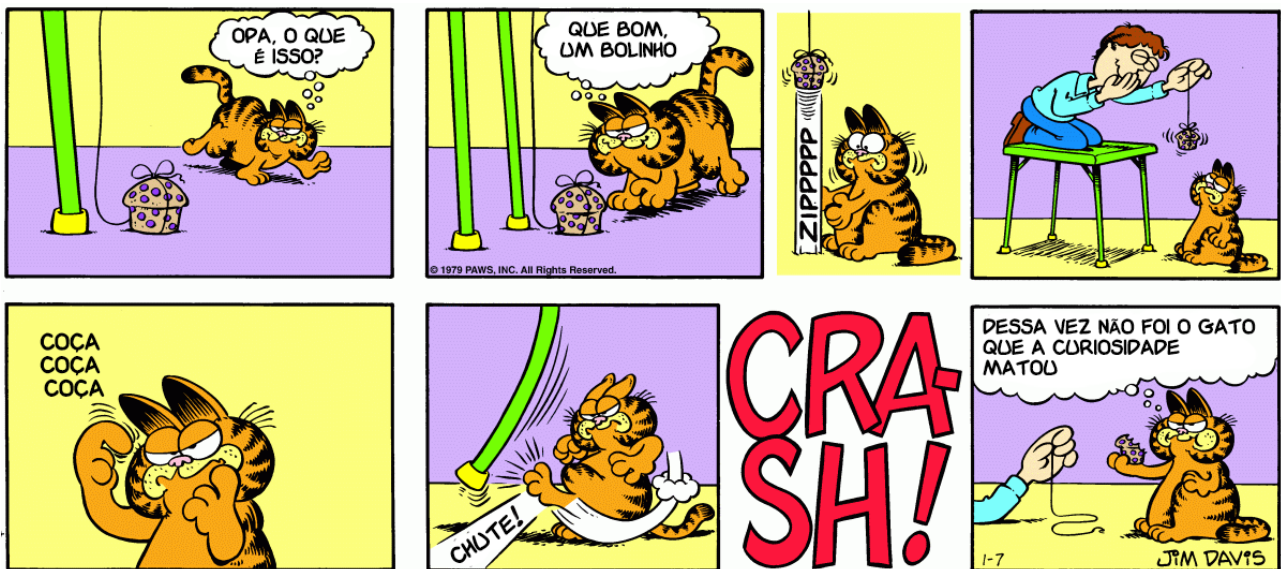
Como dito anteriormente, há dois tipos de onomatopeias: uma que representa o som e outra o verbo da ação sendo feita. Quando é o primeiro caso, as vezes não é necessário traduzir, pois não há tradução oficial e usamos a onomatopeia em inglês. Mas neste caso, um leitor sem conhecimento de inglês não vai entender o que é 'sweep'. Assim, foi escolhido traduzir 'sweep' para 'varre'. Além disso, é mais usual falarmos 'o que eu faço com isso' ao invés de 'o que vou fazer com todos estes pelos'. Por último, o tempo verbal do último quadrinho da versão publicada está diferente da versão original: '[...]I was just...' não tem o mesmo tempo verbal de '[...]Faço... ', o primeiro é algo que acabou de acontecer e o segundo é algo contínuo. “Zinged” é uma expressão que significa uma ‘tirada’, mas usei a palavra ‘trolado’ por ser mais atual.





"Decisões para o ano novo" não é o jeito usual de se falar, e sim "metas para o ano novo". As ênfases onde há negrito e sublinhado não existem na publicada, e trouxe isso para a minha versão. Novamente, destaquei as marcas de oralidade.





Primeiramente, o o bolinho não é de morango, e sim de mirtilo. Mas como mirtilo não é uma fruta comum no Brasil, decidi usar apenas "bolinho", já que o sabor não faz diferença para a história da tirinha.

A tradução publicada traduziu a onomatopeia/verbo "scratch", o que não acontece em muitas outras tirinhas. Porém, no próximo quadrinho, a onomatopeia/verbo "kick" é traduzida como outra onomatopeia, "poft". No meu caso, usei o verbo "chute". Não traduzi a onomatopeia "crash", pois se trata de um caso em que também usamos em língua portuguesa. Por último, no texto original, a

piada vem da expressão idiomática "there's more than one way to skin a cat", que significa que há mais de um jeito de se fazer uma coisa, e outra camada de humor vem do fato de que "skin a cat" significa arrancar a pele de um gato. Na publicada, o tradutor manteve a palavra "gato", mas a piada e a expressão idiomática foram perdidas. Na minha versão, tentei manter os dois fatores usando uma expressão idiomática em língua portuguesa que contivesse a palavra 'gato' e tivesse a ver com o contexto da tirinha.



No primeiro quadrinho, Garfield faz uma pergunta, mas na publicada, a frase é uma afirmação. Não havia necessidade de trocar a estrutura da frase. No segundo quadrinho, "little people" referia-se a

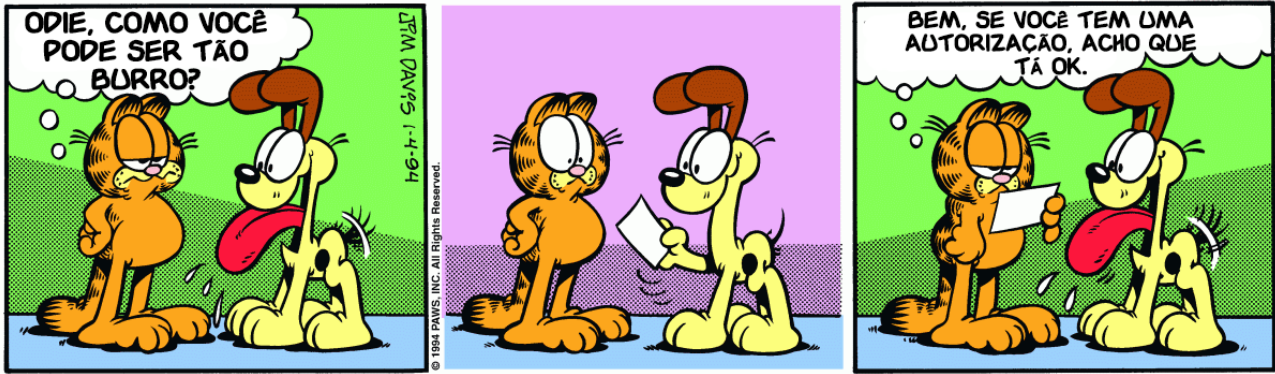
como os donos de animais vestem os bichos como se fossem pessoas em miniatura, não crianças. Não escrevi "pessoas em miniatura" por causa da limitação de espaço. Por último, a palavra "catnip" não foi traduzida, e muitos leitores não vão saber o que significa. Por isso, usei "erva de gato", que é como a planta é conhecida no Brasil. A parte em que Garfield fala "morning cup of coffee" também é perdida na tradução publicada.





No segundo quadrinho, há uma ênfase em "fleas", o que significa que Garfield está falando mais alto. Isto é perdido na publicação. Duas tirinhas atrás, a onomatopeia/verbo "scratch" foi traduzida, mas nesta, não foi o caso. Na minha versão, troquei o "o" duplo por "u", pois é o mesmo som mas em língua portuguesa. Também acrescentei os recursos de oralidade, especialmente no último quadrinho.



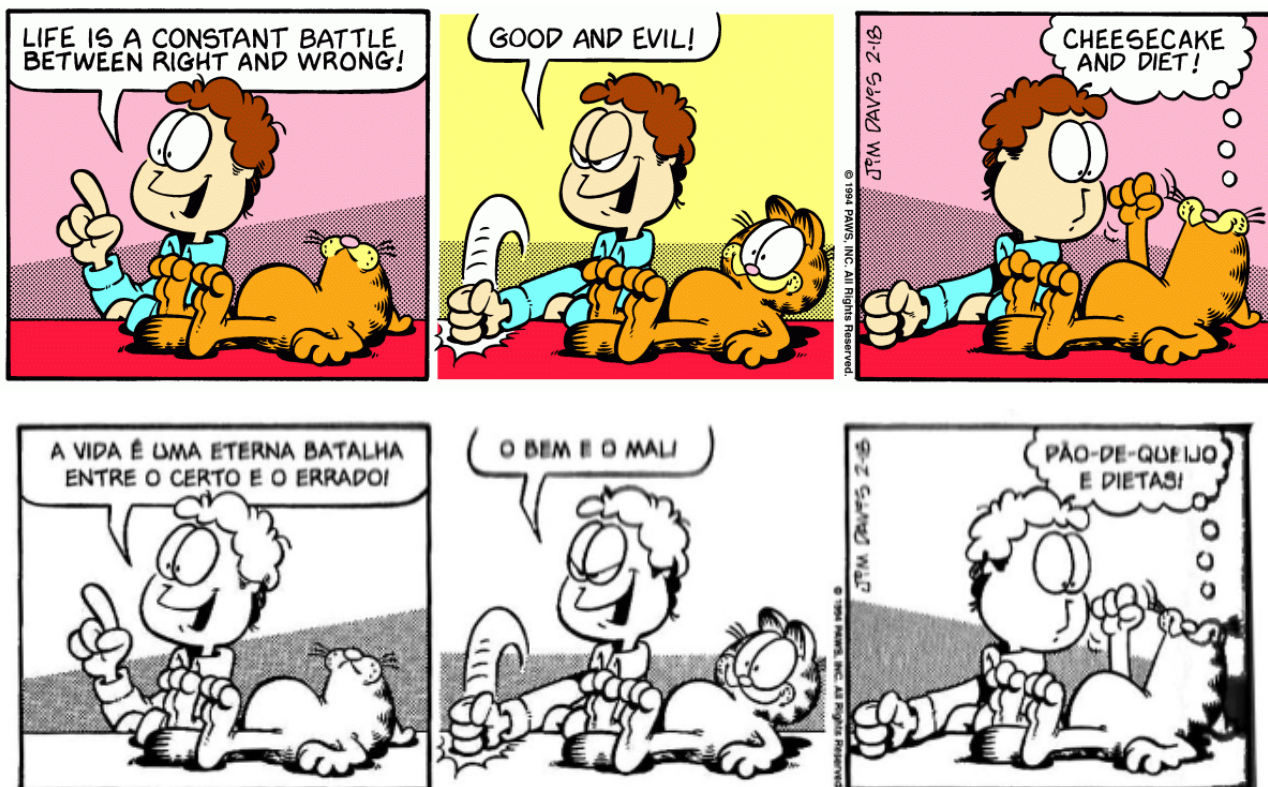


A palavra "stupid" é traduzida literalmente em todos os exemplos em que eu li no corpus, mas preferi não colocar todos aqui para evitar ser repetitivo. A forma "oquei", usada em algumas tirinhas, não aparece aqui.



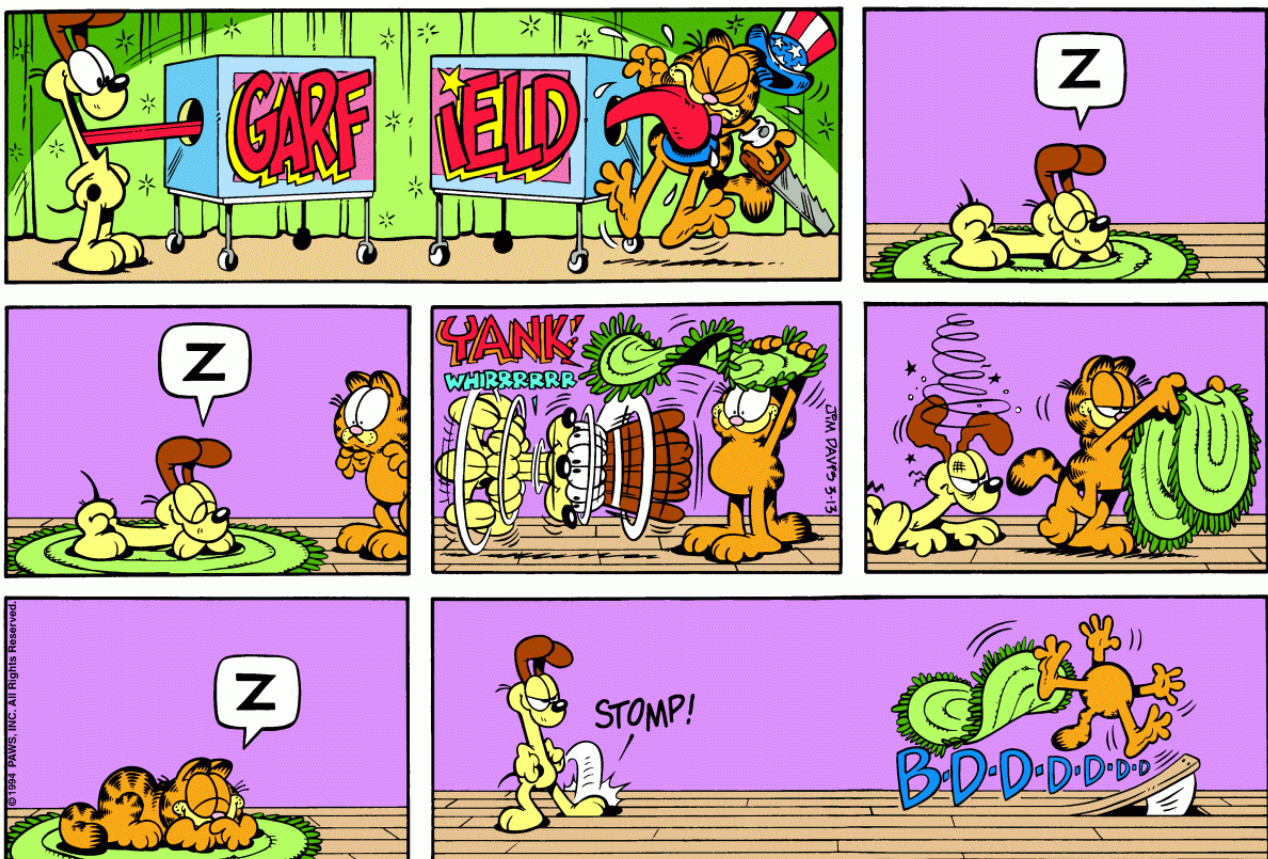


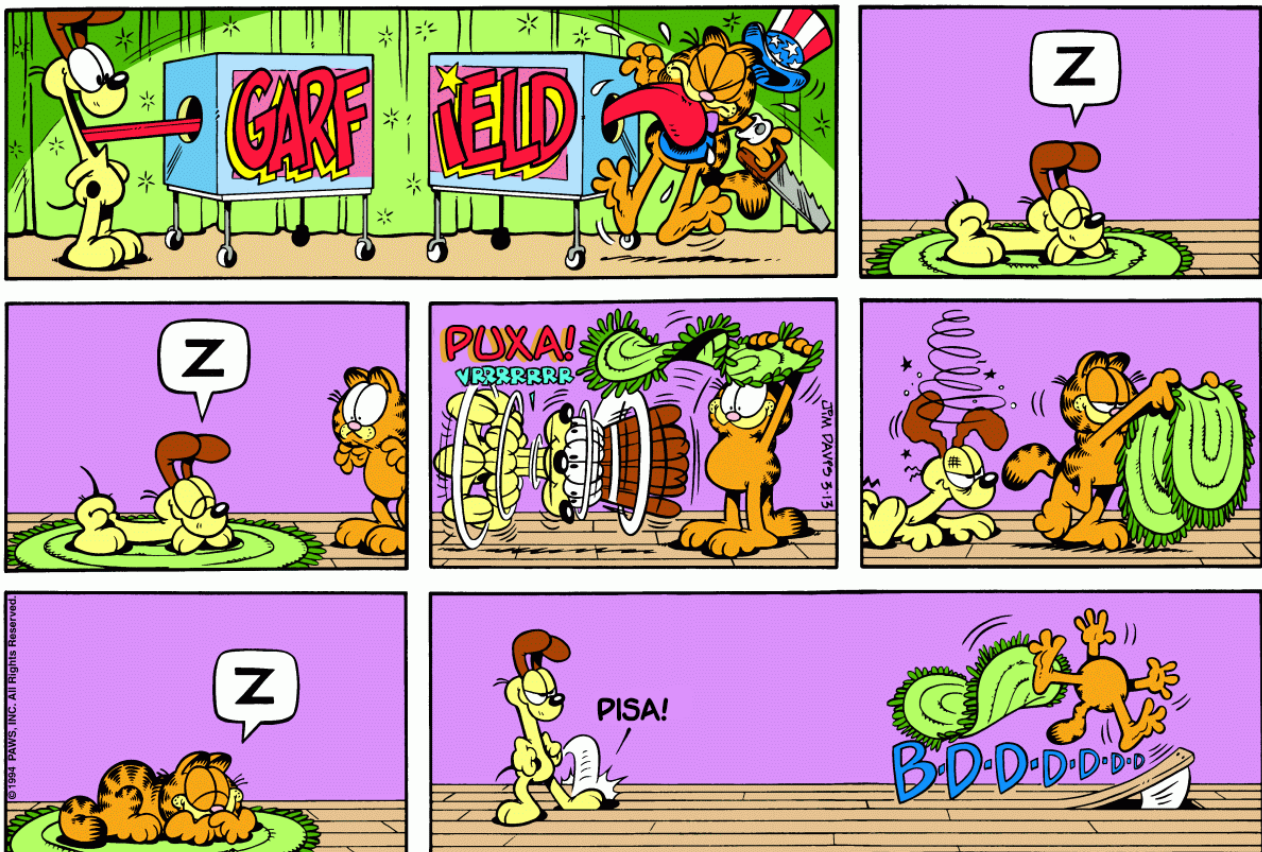
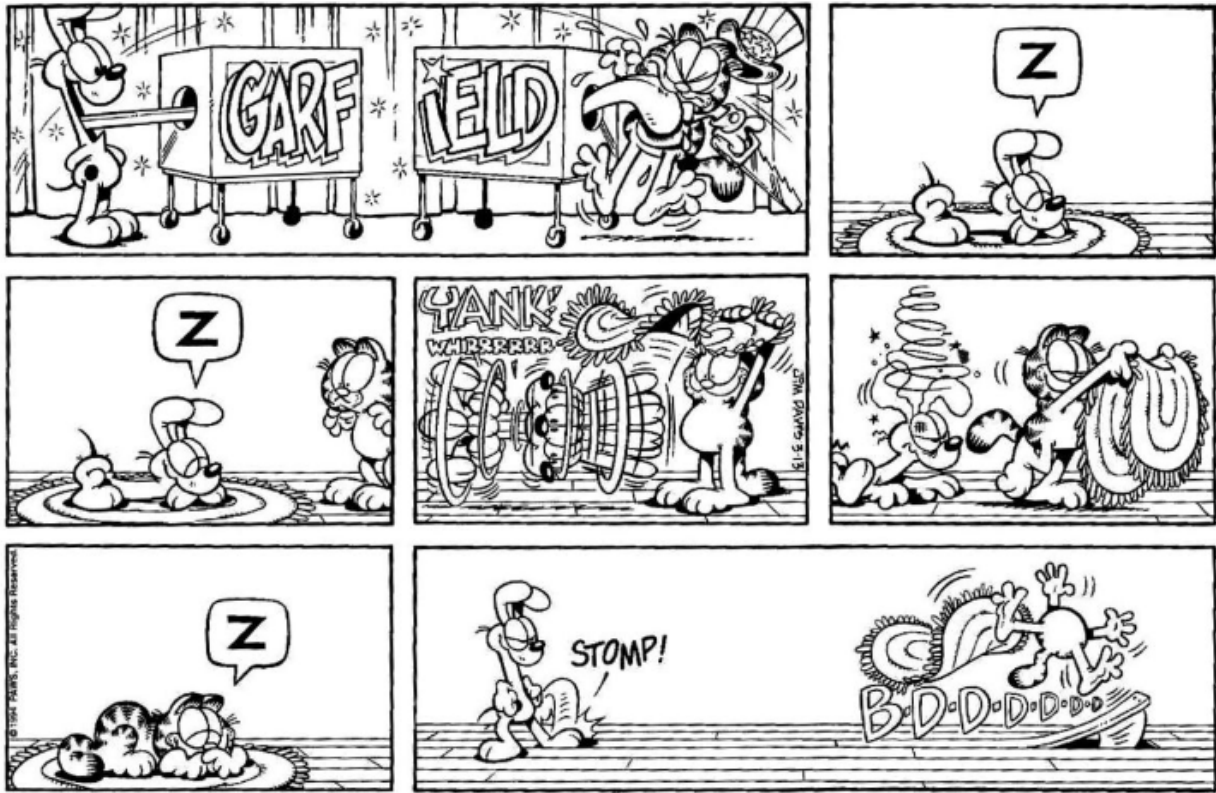
Na tirinha original, Jon faz uma piada referindo-se ao peso de Garfield. Esta piada é perdida na tradução publicada, é como se o tradutor não houvesse entendido a tirinha. No último quadrinho, Garfield fala que não estava esperando pela piada, mas na publicação ele diz exatamente o contrário disso. A piada vem de Jon parecer estar elogiando Garfield ("nobody pushes you around", literalmente "ninguém te empurra" caracteriza alguém que não deixa os outros se aproveitarem dele), mas depois é revelado que Jon estava querendo dizer que Garfield é gordo. Minha solução para isso foi usar outra frase em que parecesse que Jon estava elogiando Garfield, mas na verdade estava tirando sarro de seu peso. Para isso, usei "nada nem ninguém consegue te derrubar" e a palavra trator, que empurra coisas pesadas.





Não havia necessidade de trocar "cheesecake" para "pão de queijo", já que as duas comidas não tem relação alguma exceto pela palavra 'queijo'. Usei "bolo", pois "cake" significa bolo e não muda demais a palavra original. Outro aspecto importante é que "eterna batalha" não é a mesma coisa que "constante batalha". Eterno é algo que nunca termina, enquanto "constante" é algo que acontece repetidamente, o tempo todo.

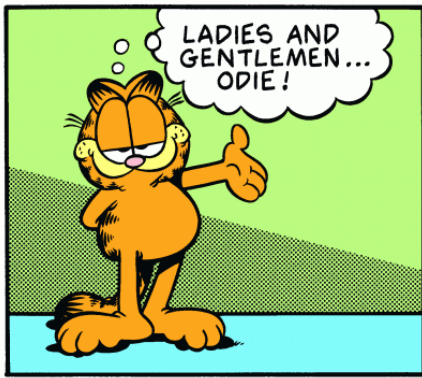




Esta tirinha é interessante pois é composta apenas de onomatopeias, tanto as que são apenas sons, quanto as que são verbos. Nenhuma alteração foi feita na tradução publicada, e nem todo leitor vai saber o que as palavras "yank" e "stomp" significam. Por isso, usei "puxa!" e "pisa!".



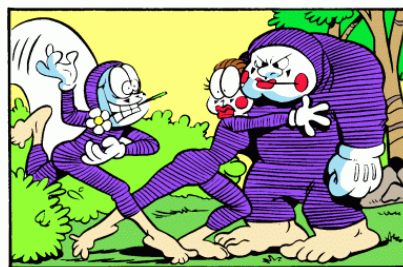
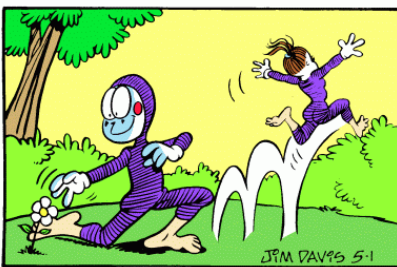
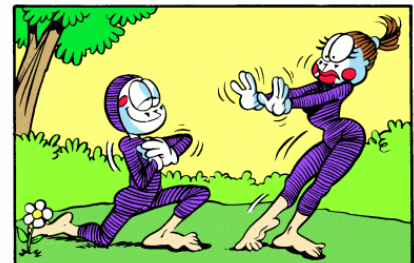
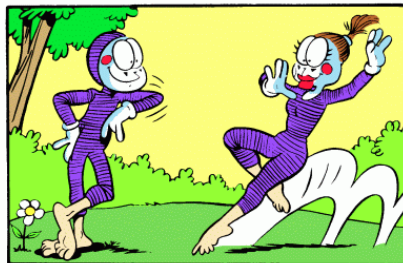
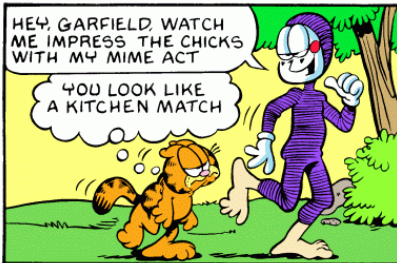
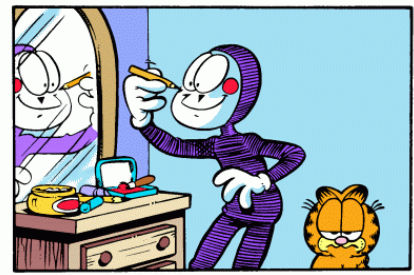
Não era necessário colocar "deu um mau-jeito nas costas", já que ocupa mais espaço. A palavra "can't" foi traduzida da forma errada, já que não é que Jon não tem permissão para se mexer, ele não consegue. Isso fica claro pois Garfield considera pedir ajuda, o que significa que Jon não viu um médico que poderia ter dito que Jon não tinha permissão para se mexer. Acrescentei toques de oralidade no último quadrinho, principalmente na fala final de Jon. "Afastese de mim" soa extremamente não natural, como se alguém estivesse lendo em voz alta em vez de apenas falar.



A primeira coisa a se notar é que a onomatopeia não foi traduzida e a ênfase em "THEN" foi apagada. Tentei consertar estes dois erros na minha versão.



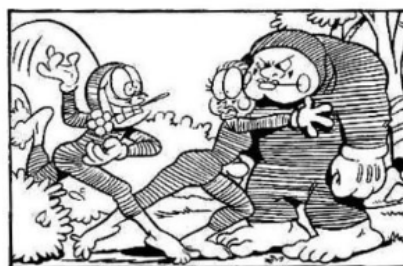
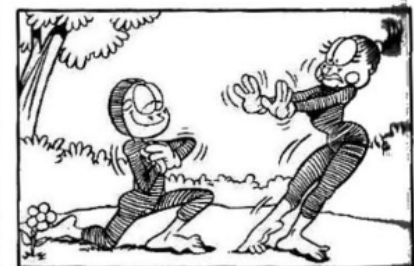
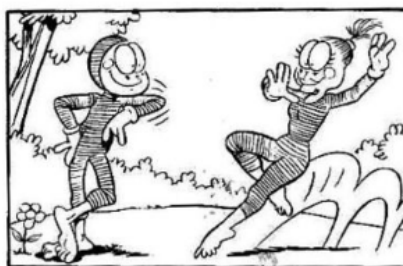
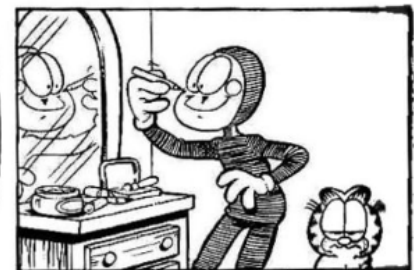
GARFIELD



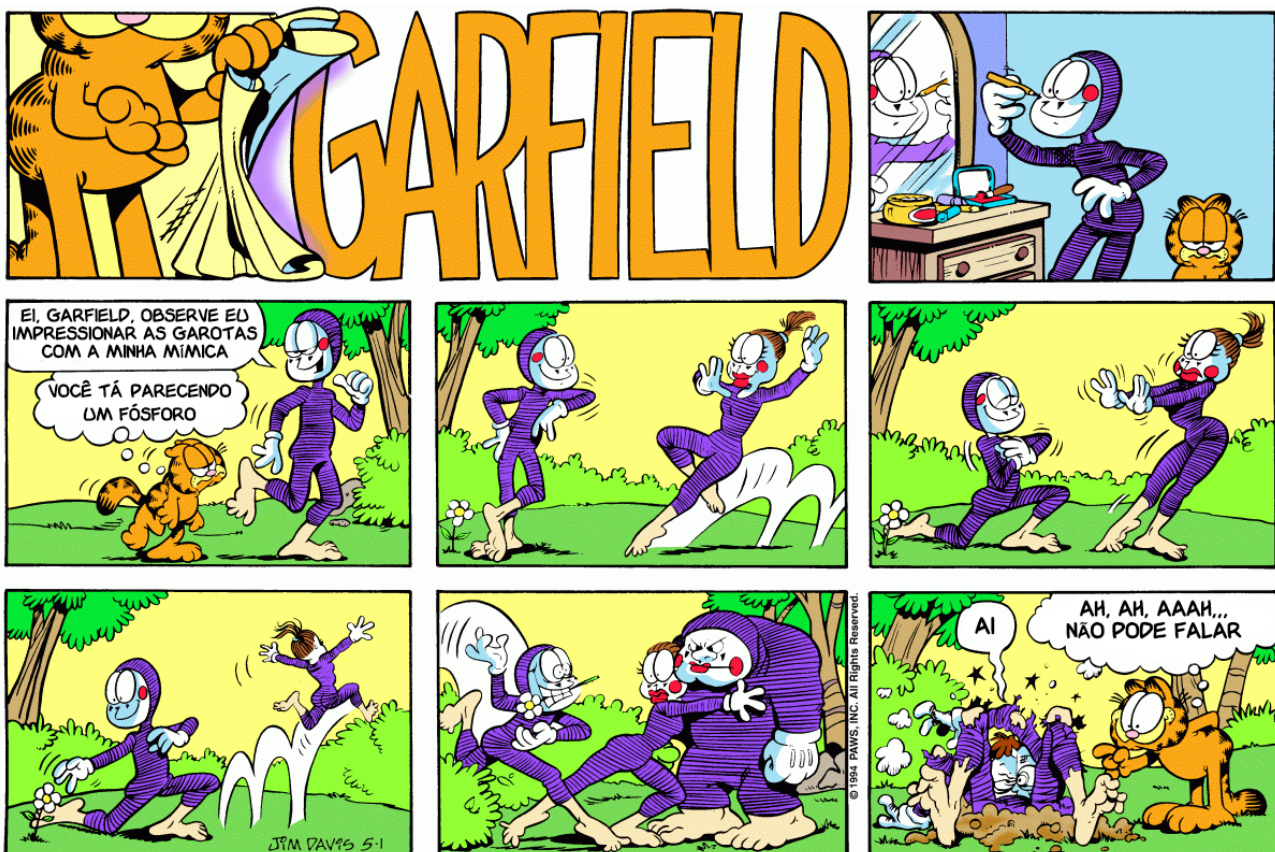
© 1994 PAWS, INC. All Rights Reserved.



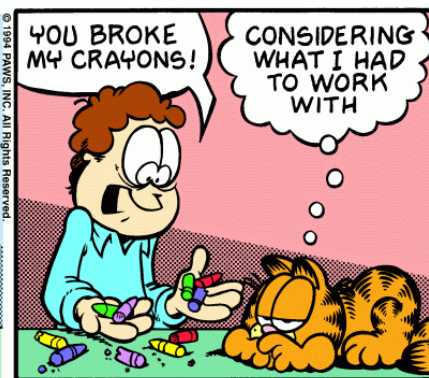
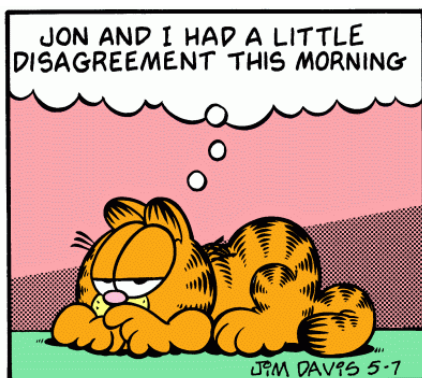
GARFIELD



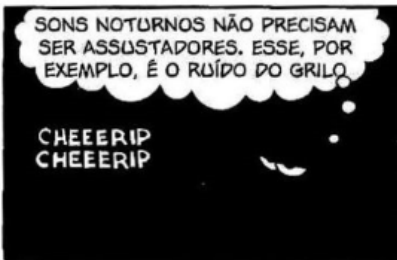
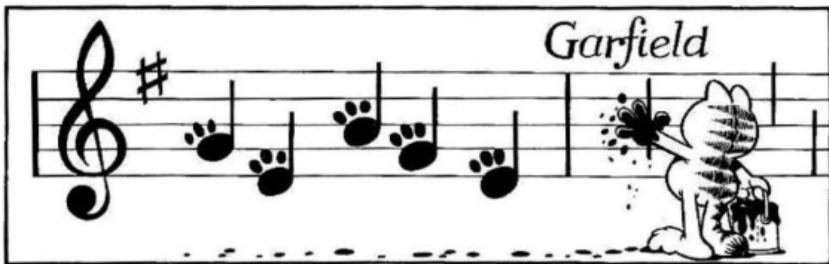
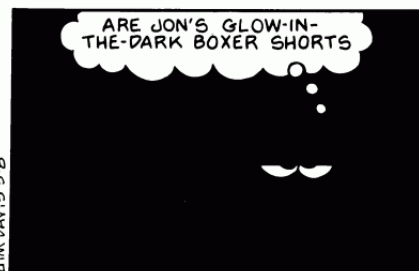
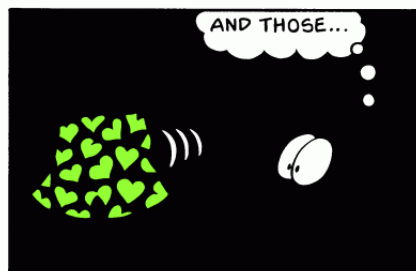
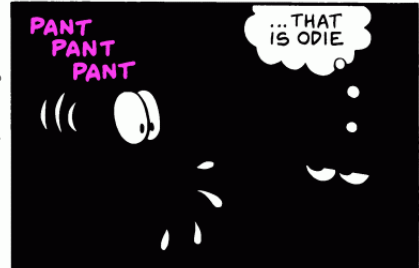
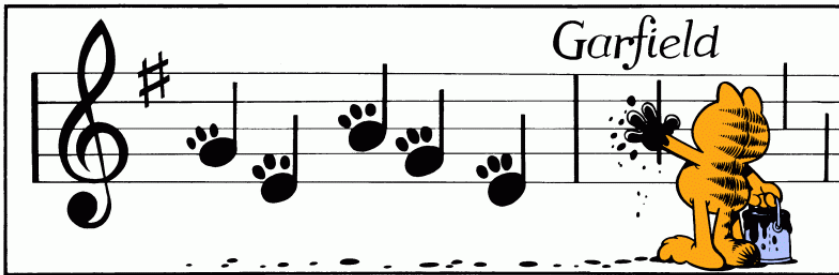
© 1994 PAWS, INC. All Rights Reserved.

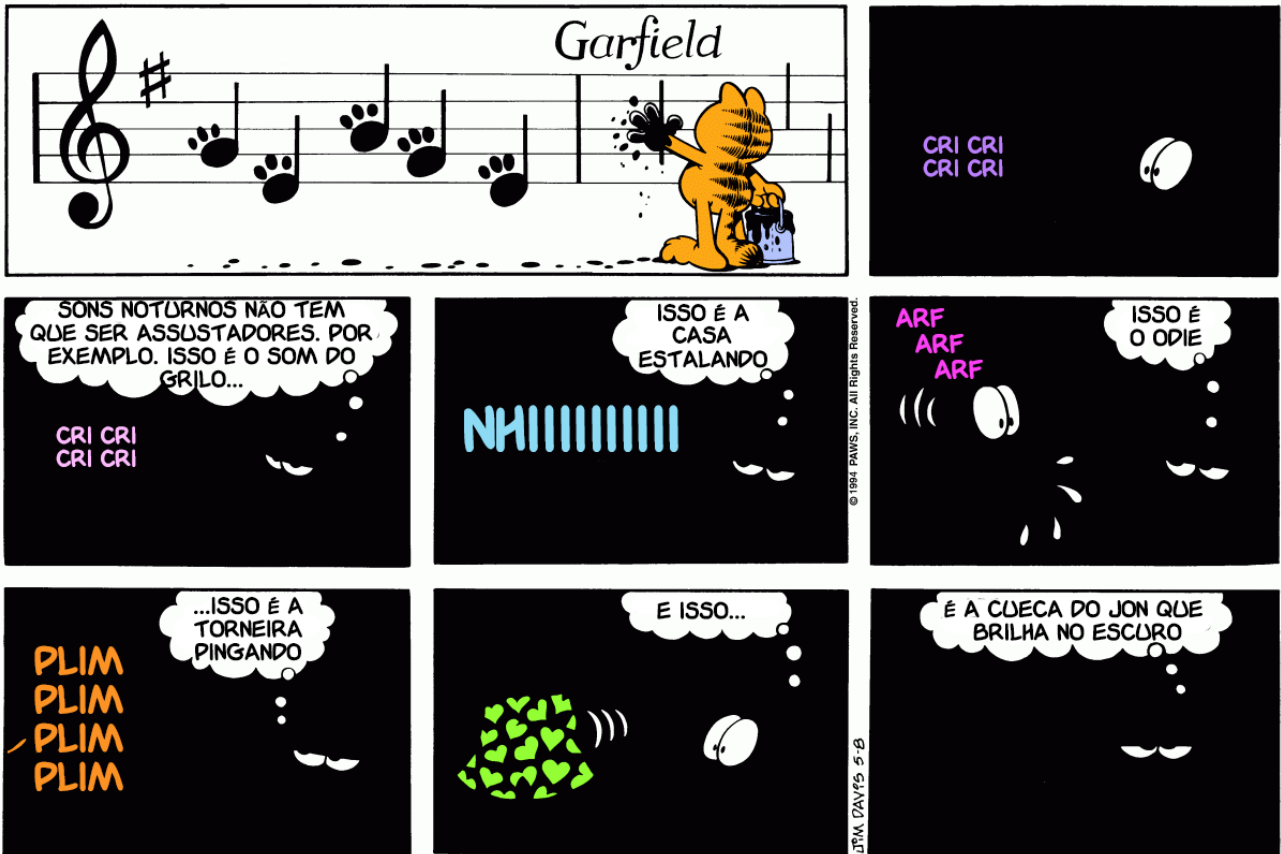


O tradutor traduziu "kitchen match", que quer dizer "fósforo" para "sapo", porque, acredito eu, ele deve ter considerado que Jon parecia um sapo. No último quadrinho, o tom da interjeição foi alterado, pois no original não há pontuação, mas na publicada há reticências. Por último, o ritmo da última frase está diferente na publicação, já que Garfield diz "ah, ah, ahh", e na publicada "não, não".

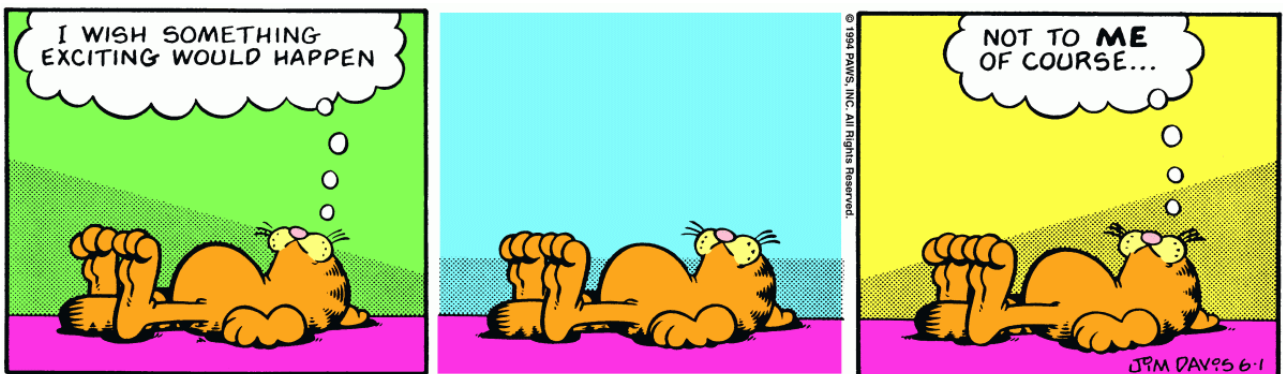


Em uma tradução onde a gramática é tão importante que todos os personagens soam como robôs, a frase "meus giz de cera" é um erro e inconsistência gravíssima. O plural de giz é gizes. Na minha metodologia, decidi não usar plurais errados mesmo que falemos desta maneira, pois como dito nos capítulos anteriores, a oralidade é fingida, e uma frase onde a gramática está totalmente errada causa mais estranhamento do que uma onde a fala é muito formal.



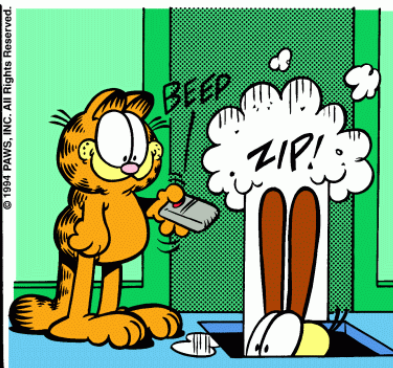
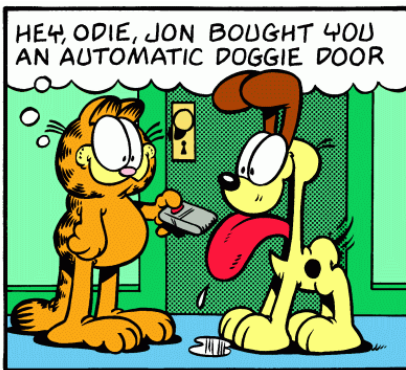


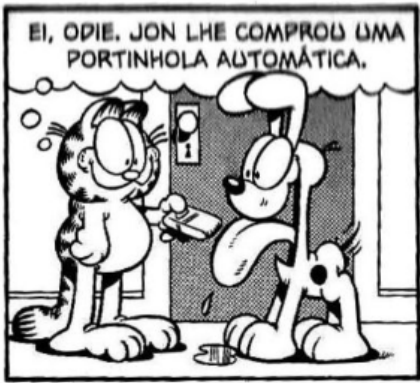
Em uma tirinha onde as onomatopeias não são apenas representações de sons, mas um elemento visual que até os personagens podem ver e usar para construir o humor, é muito grave mantê-las na língua original, pois os leitores podem não entender o que se passa na tirinha. Tentei manter a pontuação como no texto original.



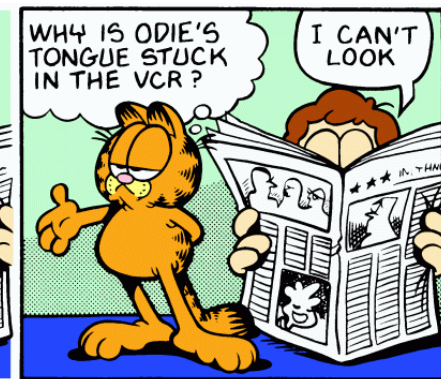
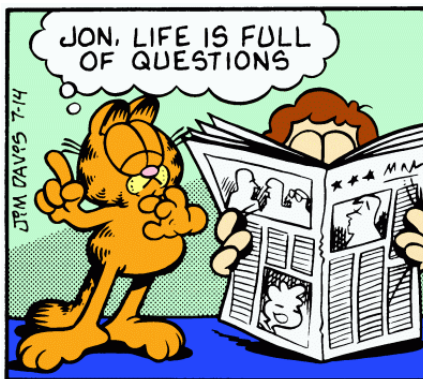


A palavra "exciting" foi traduzida literalmente, o que muda o sentido da frase. Novamente, a ênfase trazida pelo negrito foi perdida na publicação. Procurei consertar os dois erros na minha versão, usando "empolgante" como tradução para "exciting" e mantendo o negrito.





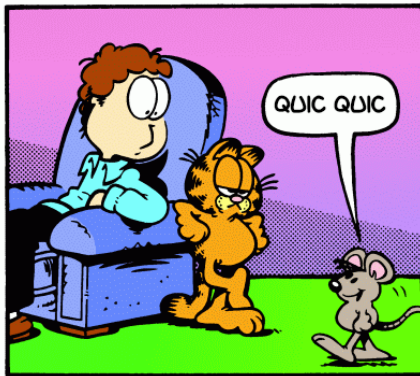
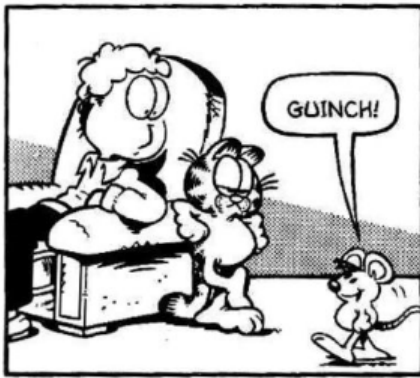
Após uma rápida pesquisa, descobri que portinhola é um tipo de porta de metal, normalmente usada para cobrir a caixa de energia. Preferi manter o termo certo para a porta mesmo perdendo a palavra "automatic" por questões de espaço. Também traduzi a onomatopeia "beep" e tentei trazer mais oralidade.





Garfield é uma tirinha lida por pessoas de todas as idades. Dito isso, uma criança hoje não saberia o que é um videocassete. Por isso, escolhi a palavra "videogame", que é algo muito comum hoje e já existia na época em que a tirinha original foi feita. Decidi traduzir a última fala de Jon de modo não literal por motivos de espaço.





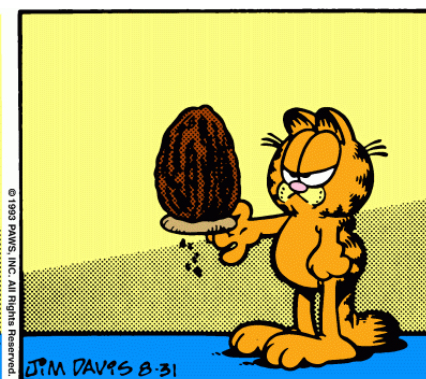
Como dito anteriormente, acredito que há dois tipos de onomatopeias: as que são representações dos sons e as que são o verbo da ação que está ocorrendo. O problema é que em língua inglesa, às vezes, as duas são a mesma palavra, o verbo veio do som de uma ação.

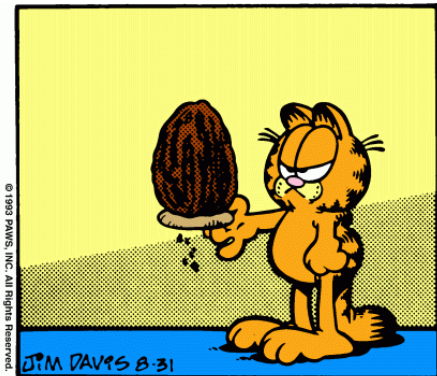
Na tirinha publicada, o tradutor mistura as duas, mas isso não funciona em português. O verbo do som do rato é guinchar, mas o som em si não é este. Novamente, não há um consenso sobre onomatopeias em língua portuguesa, então recorri a dicionários online e cheguei a "quic quic" como o som do rato.



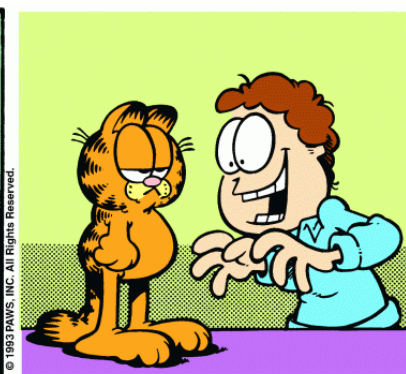


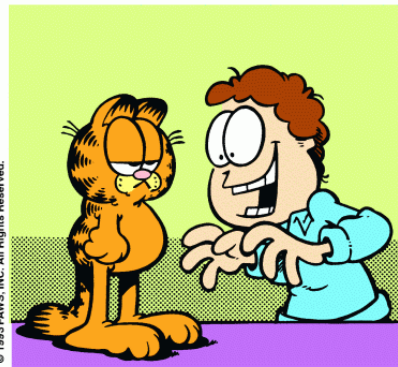
No primeiro quadrinho, decidi dividir o verbo em "vou estar" para marcar a oralidade. No terceiro, traduzi "tough" para "sinto muito", pois é uma expressão usual. Na tirinha publicada, Garfield soa ofensivo, o tradutor optou por usar um xingamento para representar o desdém do personagem. É também notável que sempre há pontos finais na publicada, quando no original a pontuação não está presente. Acredito que isso muda um pouco o tom da fala dos personagens, que já soam mais sérios por causa do registro formal, e com os pontos finais, mais ainda.



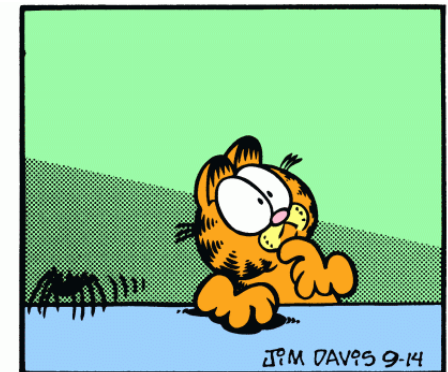


Primeiro, "contém" não é a forma como falamos. No segundo quadrinho, Garfield diz que vai provar um biscoito, e não pede um biscoito a Jon. Também coloquei os registros de oralidade, "dê-me um" virou "Tá. Vou provar um."



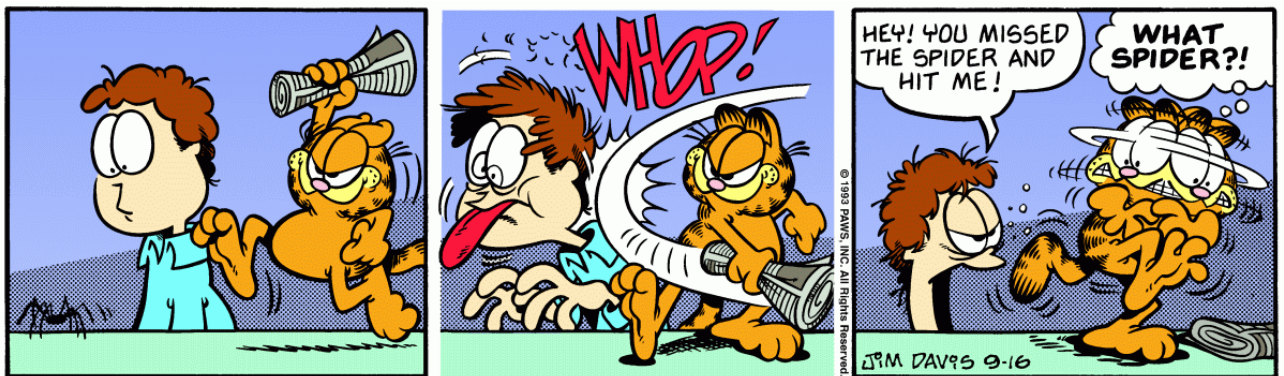


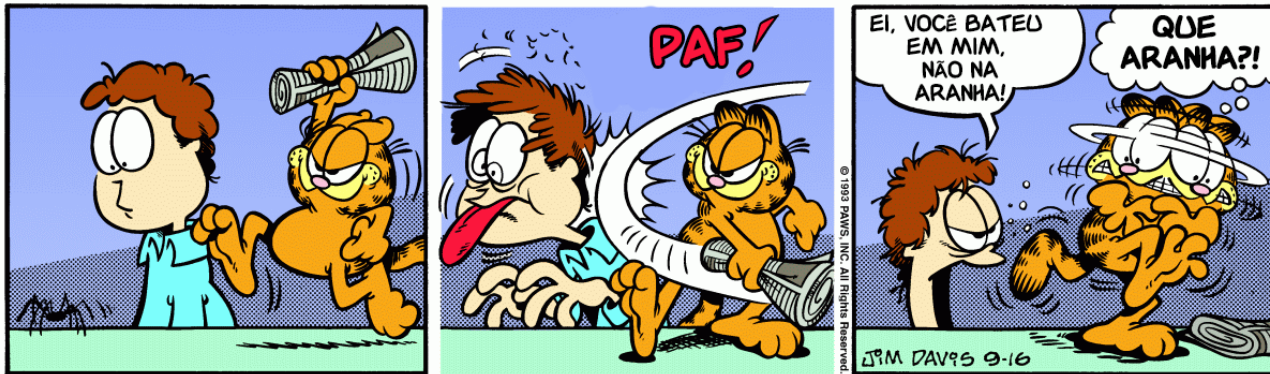
"Cosquinha" é um jeito mais coloquial de se falar, por isso usei esta variação. A piada do último quadrinho é destorcida na tradução publicada, parece que o tradutor não sabia como traduzir e criou outra piada no lugar. Primeiro traduzi literalmente e depois adaptei usando recursos de oralidade.



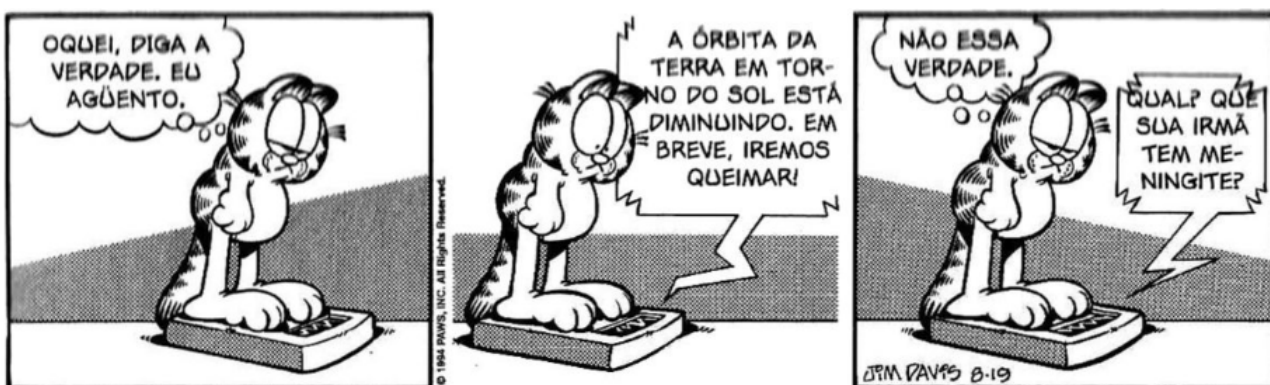


Esta tirinha é muito simples, mas mesmo assim há erros na publicada. Iodelei é um tipo de música cujo nome vem da onomatopeia que representa o som que o canto faz. Com uma rápida pesquisa, encontrei como o som é representado na língua portuguesa.



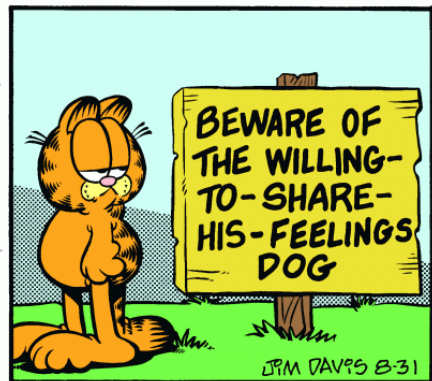
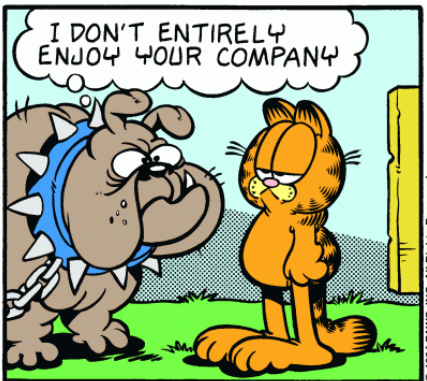


Na tradução publicada, a onomatopeia foi apagada. Um fato curioso é que na fala de Jon há marcas de oralidade, algo que nunca acontece, e uma interjeição que não existia no original. Também é acrescentada uma repetição desnecessária, já que Garfield só pergunta "what spider?".





"Oquei" causa um grande estranhamento aos leitores, já que estão mais acostumados com a forma "ok". Um erro gravíssimo de tradução é que "mange" foi traduzido para "meningite". Parece que o tradutor não sabia o significado da palavra e traduziu como um falso cognato, sendo que nem faz sentido um gato ter meningite. "Mange" quer dizer sarna, uma doença comum em animais.



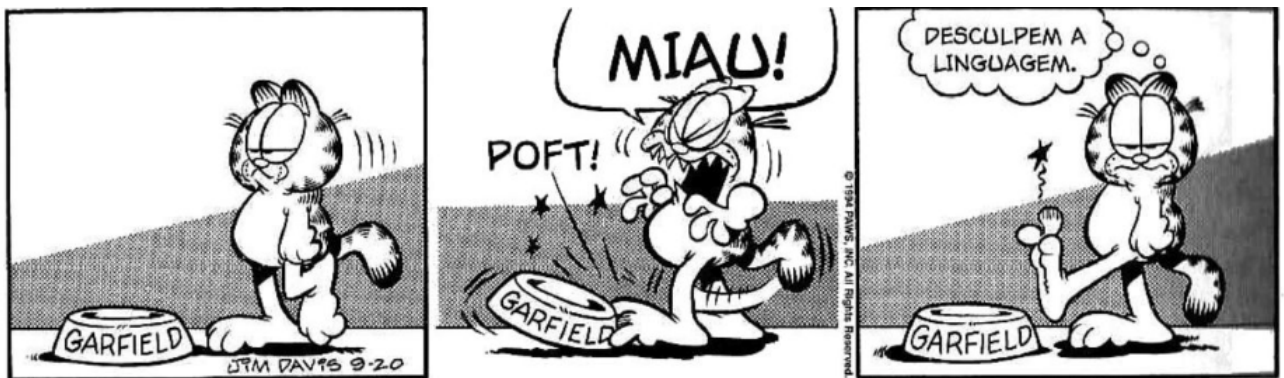
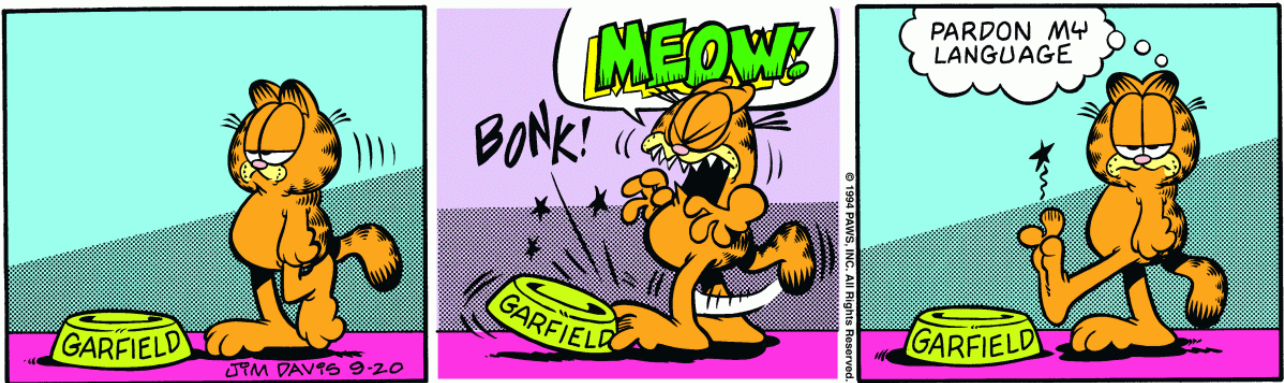


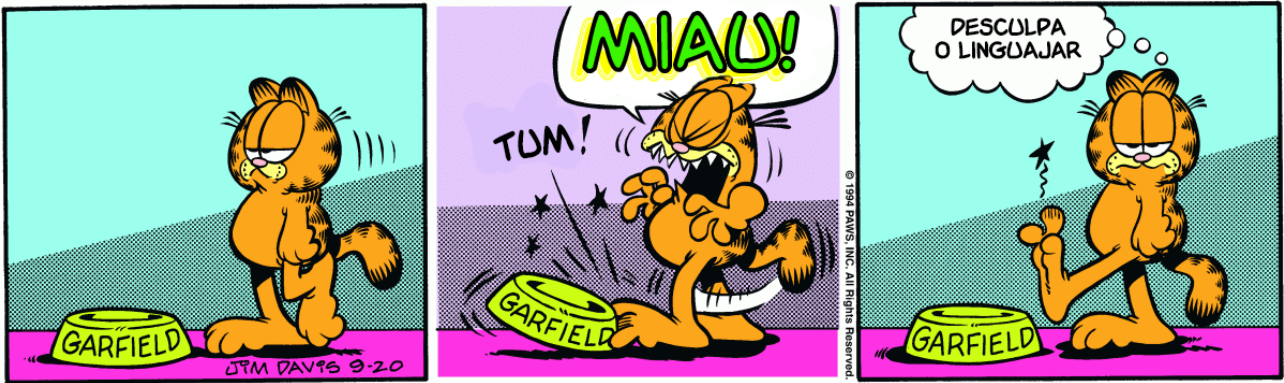
"Share" não significa 'expressar', e sim 'compartilhar'. Outra coisa importante é que no texto original, os hifens transformam a frase inteira em um adjetivo caracterizando o cão, mas na língua portuguesa não temos este mesmo recurso, ou seja, não faz sentido o que foi feito na tradução publicada, pois dá a sensação que é uma separação de sílabas. "Compartilhar seus sentimentos" soava errado e traduzido literalmente, porque é mais usual "compartilhar pensamentos".





Novamente, o tempo verbal está errado na tradução publicada. O cachorro diz que está tentando cortar a gordura, não que não come mais. Pode ter sido por falta de espaço, mas consegui manter o tempo verbal certo dentro do balão. A palavra 'vicious' quer dizer 'violento, cruel'. "Puxa, isso doeu" não dá o mesmo sentido. A piada vem do fato que o cachorro parece violento, mas o que é violento mesmo são as suas palavras.





Na tradução publicada, 'language' foi traduzido literalmente, não falamos a expressão desse jeito. Usamos ou "desculpa o linguajar" ou outra opção seria "desculpa pelo palavrão". "Poft" não é uma boa onomatopeia, pois é o som de uma batida forte ou de queda, o que não é o caso.



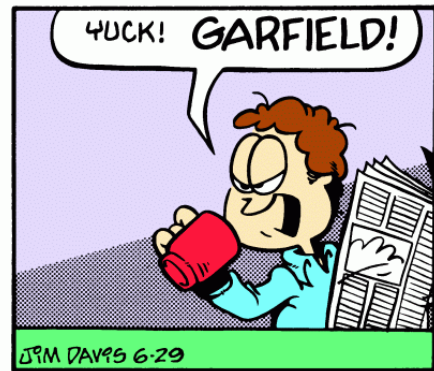


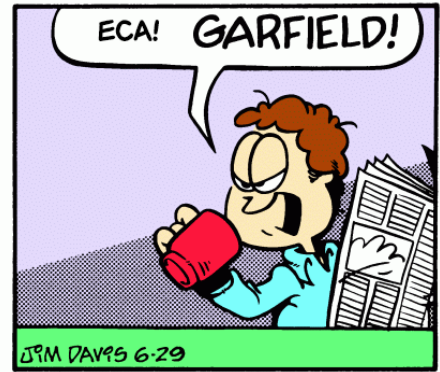
A tradução publicada troca as palavras repetidas “great” “doing great” e acrescenta coisas que não existiam no original, como “vai muito bem, obrigado”, imagino que para tentar acrescentar humor à tirinha. Porém, isso não era necessário, já que com muito menos palavras o humor foi mantido na minha versão.





Mais uma vez, a pontuação no texto publicado é diferente da original, o que muda a entonação da fala dos personagens. No terceiro quadrinho, Jon dá um exemplo de um dos limites que ele acredita que existem para se amar comida, mas na tradução publicada esta afirmação vira uma pergunta. Outra inconsistência acontece aqui: em outra tirinha do corpus, a palavra "donut" não é traduzida, e nesta, foi traduzida para "biscoito". Nos dois casos, usei a palavra "rosquinha".





Outro caso de inconsistência se encontra nesta tirinha. Na tirinha anterior, a palavra "donuts" foi traduzida como "biscoito", e neste caso, ficou no idioma original. Também mudei a ordem da frase para soar mais como uma fala natural, pois não falaríamos na ordem em que a tirinha publicada mostra. A interjeição também foi mudada, pois "yuck" é traduzido como "eca" grande parte das vezes, e na publicada, virou uma onomatopeia de cuspe.



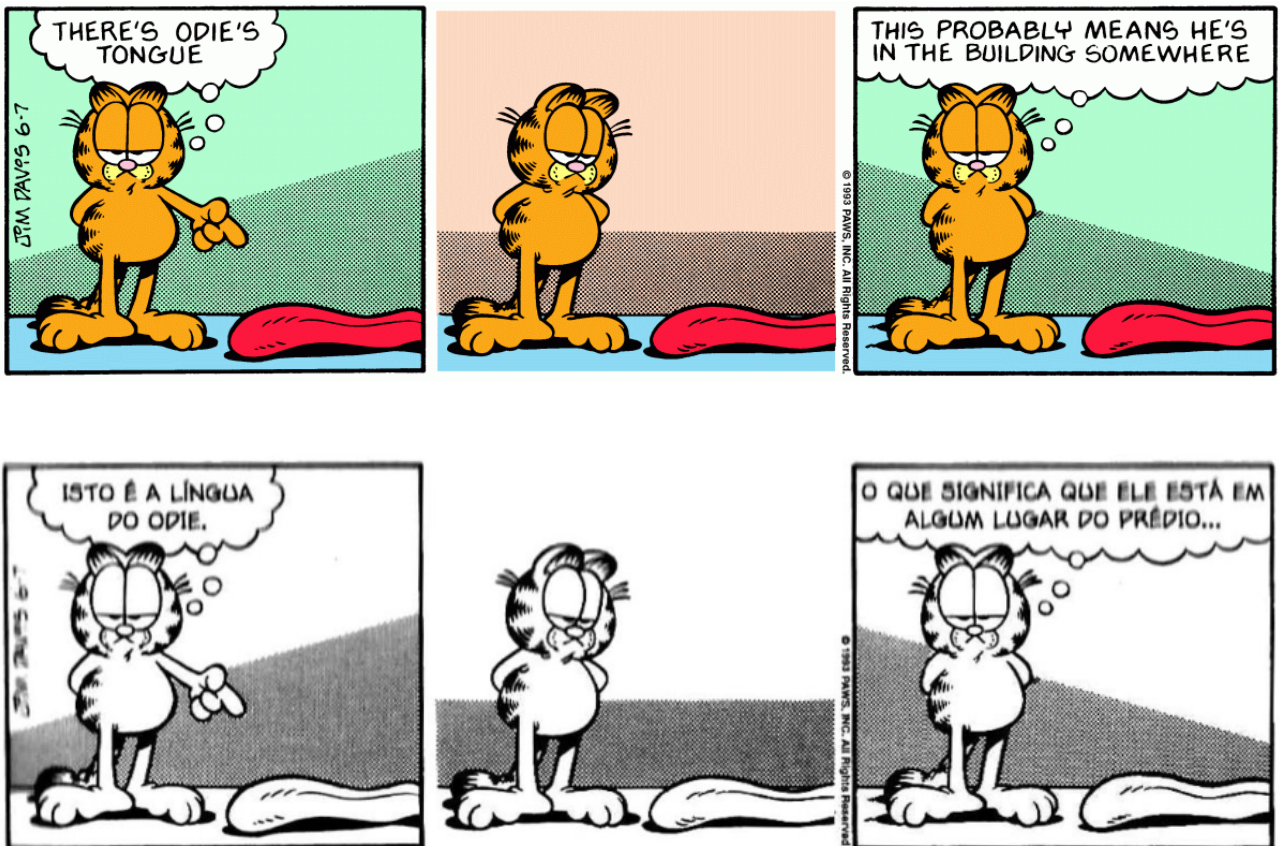


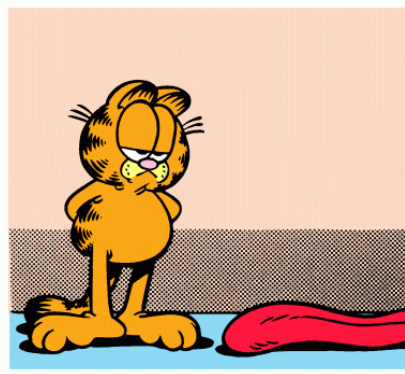
A palavra “unwieldy” significa algo grande ou pesado demais para ser manuseado, A tradução publicada tentou manter a mesma estrutura do original, (tirando o fato de que era para ser apenas “grande e desastrado”) mas de qualquer forma o sentido é perdido, e a piada também, pois “desastrado” caracteriza Jon, e não o cérebro.



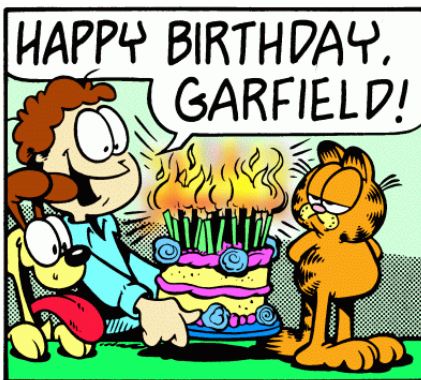


A tradução publicada muda todas as pontuações e estruturas das frases, e com elas, o tom e sentido da tirinha. A adversativa do último quadrinho é colocada no segundo, e o significado das frases muda. Garfield é irônico e na maioria das vezes, fala sem animação, mas ao acrescentar uma exclamação, o modo como o personagem fala muda. A expressão do rosto de Garfield no terceiro quadrinho não combina com a exclamação do texto publicado. Isso é um grande problema que chega a descaracterizar os personagens.

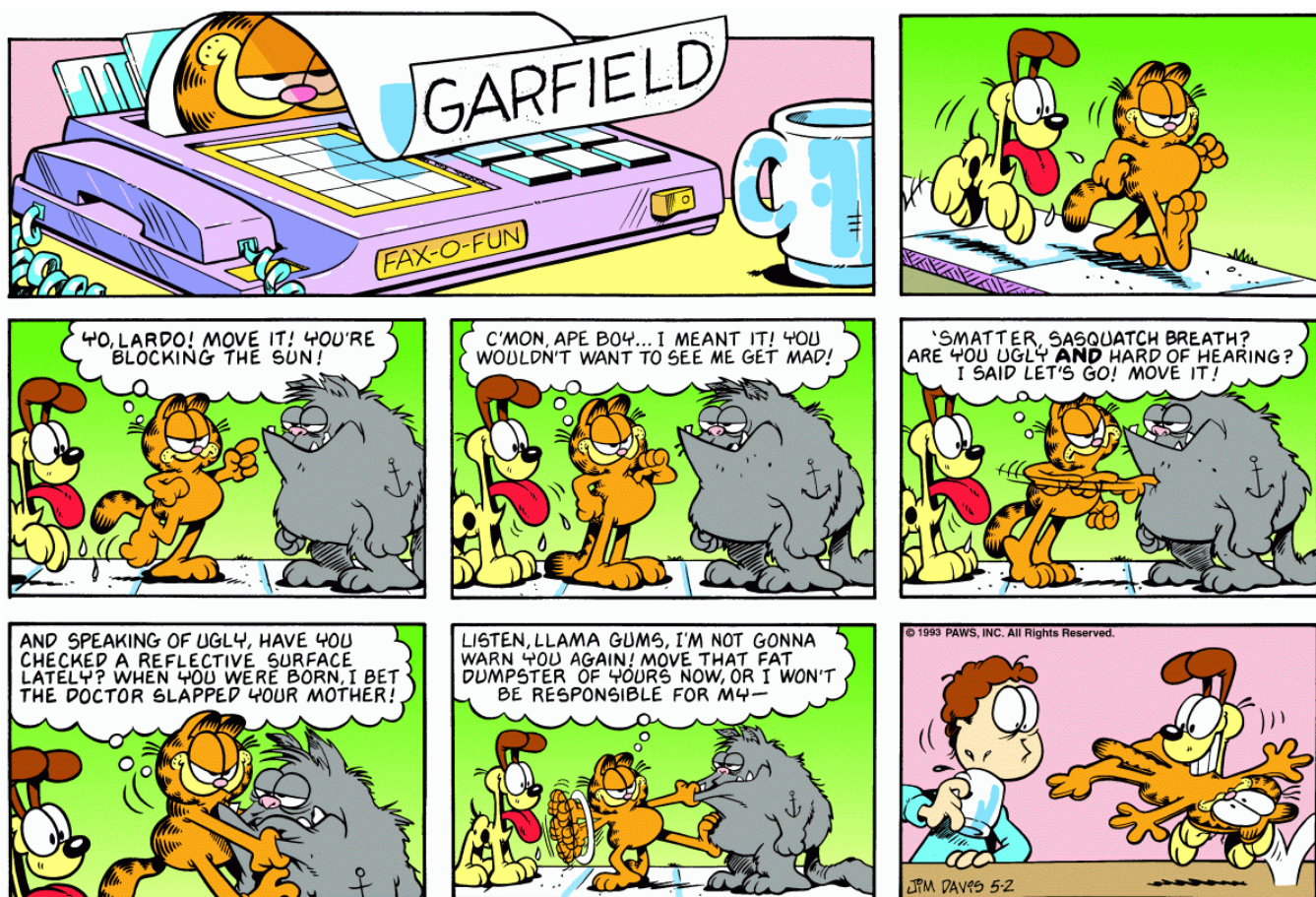


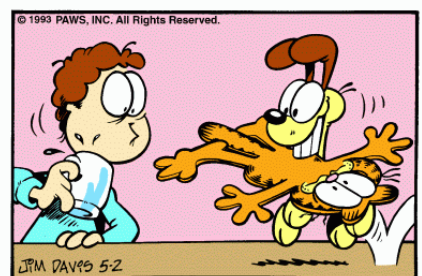
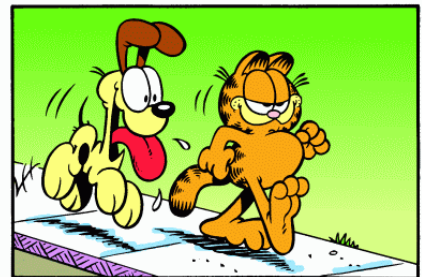
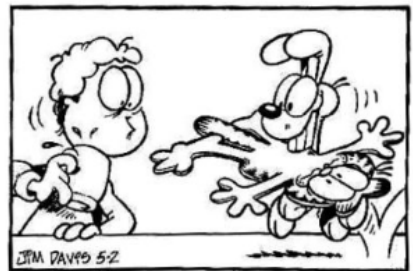
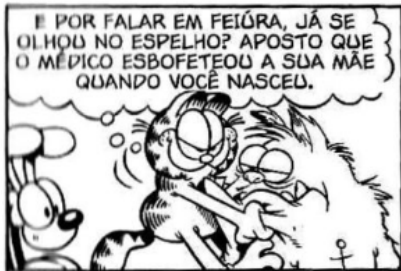


Garfield, Jon e Odie moram em uma casa, isto é explícito em muitas tirinhas.



Na primeira tirinha do corpus, que também é a primeira tirinha publicada da obra, expliquei que a fala “feed me” é bem icônica na série e aparece várias vezes, principalmente nos aniversários de Garfield. Minha primeira escolha foi “me dá comida”, mas não pude usar esta frase por questões de espaço. “Acknowledgement” é uma referência a algo do passado, e não um pedido.





Lardo é o nome da banha do porco, mas eu não sabia disso e o leitor não vai parar de ler no meio da tirinha para pesquisar. Por isso, usei a palavra “banha”, que significa a mesma coisa. “Mexe esse rabo gordo” é uma frase que beira o ofensivo, acredito que “sai daqui com essa gordura” foi uma opção melhor.

Em conclusão, minhas maiores dificuldades incluíram tentar encaixar as palavras no espaço dos balões, muitas vezes não pude usar as soluções que queria por causa do espaço limitado. A tradução de onomatopeias também trouxe problemas, pois não há um consenso ou padrão sobre este assunto em língua portuguesa. Por ter editado as tirinhas eu mesma, também procurei manter as tirinha visualmente parecidas, tanto na fonte quanto até no tamanho das onomatopeias, o que não acontece na tradução publicada. Algumas estruturas de frase também causaram dificuldade, novamente por causa do espaço limitado dos balões. Tentei manter o mais parecido possível do original sem perder o sentido. Certas piadas com expressões idiomáticas precisaram de muita pesquisa por minha parte. Mas no fim das contas acredito que o esforço valeu a pena, pois as traduções perderam quase totalmente a sensação de estranhamento. Isso mostra o quanto faltou pesquisa e cuidado por parte da editora e tradutores da coletânea. Espero que este trabalho traga luz à questão da oralidade, que raramente é considerada na hora de traduzir um gênero textual onde 90% do texto são falas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscou-se complementar as discussões sobre tradução do humor e salientar a importância da oralidade e da retradução. Para este fim, foram explicitados diversos pontos em que houve falhas na tradução publicada das tirinhas de Garfield, e sugestões de como tornar a tradução mais fiel à obra original e como tratar a oralidade de forma mais adequada.

Espera-se que este trabalho seja um ponto de referência para traduções futuras e que possa ser usado como base por outros pesquisadores. Garfield é uma obra apreciada por muitas pessoas do mundo todo, e na tradução publicada no Brasil muito do sentido original foi perdido, o que é injusto para aqueles que não dominam a língua inglesa. Esta perda de sentido é um ponto importante a se notar ao traduzir, por isso acredito que tradutores devem dedicar seus estudos à oralidade para melhorar a qualidade de suas traduções. Este tópico deveria ter um foco maior no curso superior de tradução, seja em matérias específicas, ou sendo abordado nas práticas de tradução já existentes, tanto em textos gerais como em literários.

Em relação a trabalhos futuros, sugere-se a tradução ou retradução de obras dando enfoque à oralidade, e no caso da retradução, explicando por que a tradução publicada não era adequada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIZEM, Naumin. “Onomatopeias nas histórias em quadrinhos”. In: MOYA, Álvaro de. (Org.) *Shazam!* São Paulo: Perspectiva, 3ª. ed., 1977, pp. 269-306.
- ARAGÃO, Sabrina Moura, ZAVAGLIA, Adriana. *Histórias em Quadrinhos: Imagem e texto em Tradução*. TRADTERM, 16, p. 435-463, 2010.
- AUBERT, F. H. *As (in)fidelidades da tradução*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.
- AUTOR DESCONHECIDO. Jim Davis, the man behind the cat. 2018. Disponível em: <<https://garfield.com/jim-davis>> Acesso em: 24 jun. 2018
- AUTOR DESCONHECIDO. *O que é Arte Sequencial*. 2012. Disponível em <<https://criatividadesoluvell.wordpress.com/2012/07/23/o-que-e-arte-sequencial/>> Acesso em: 24 jun. 2018
- AZENHA JUNIOR, J. *Goethe e a Tradução: a construção da identidade na dinâmica da diferença*. In: *Literatura e sociedade*, v.9, p. 44-59, 2006.
- BRANCO, Lucia B. C. *A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português. Traduções de Fernando Camacho, Karlheinz Barck, Susana Kampff Lages e João Barrento*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.
- BRITO, Kleber. *Gênero Textual: tirinha*. 2013. Disponível em <<http://cronicasdeprofessor.blogspot.com.br/2013/03/genero-textual-tirinha.html>> Acesso em: 24 jun. 2018
- BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução literária*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 2012.
- CAGNIN, Antonio Luis. *Os quadrinhos*. São Paulo: Ática, 1975.
- CALDAS, Raoni Naraoka de. *Criação e uso de onomatopeias em língua alemã: proposta de estudo com a utilização de histórias em quadrinhos*. Dissertação de Mestrado não-publicada. São Paulo: FFLCH/USP, 2014.
- CUNHA, Rodrigo. *Scientific literacy: alfabetização ou letramento? Implicações políticas da tradução de um conceito*. Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp, 2012.
- DANSA, Salmo. *A arte sequencial*. 2013. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao_artistica/0045.html> Acesso em: 24 jun. 2018
- DAVIS, Jim. *Garfield – 2582 tiras*, tradução da Agência Intercontinental Press. Porto Alegre: L&PM, 2009.

- EGUTI, Clarícia Akemi. *A representatividade da oralidade nas histórias em quadrinhos. Dissertação de mestrado não publicada*. São Paulo: FFLCH, 2001. EGUTI, Clarícia Akemi. *Quadrecia* 10, 1999: p. 20-21
- EISNER, Will. *Narrativas gráficas*. São Paulo: Devir, 2005.
- EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- FAVERI, R.; SILVA-REIS, D. *Apresentação do número temático - Quadrinhos em Tradução*. TradTerm, São Paulo, v. 27, pp. 7-10, 2016.
- JAUSS, H.A *história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ed. Ática, 1994.
- JAUSS, H.R... et al. *A Literatura e o leitor: textos da estética da recepção*. Coord. e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- KUNZLE, David. *History of the Comic Strip, Volume 1*. University of California Press, 1973
- LEITÃO, Renata G. C. O. *"Som" do Silêncio: traduções/adaptações de onomatopéias e mimésis japonesas nos mangás traduzidos para a língua portuguesa*. Dissertação de Mestrado não-publicada. São Paulo: FFLCH/USP, 2012
- LUIZ, Tiago Marques. *"Cava A Cova!": Descrevendo o humor da cena dos coveiros de Hamlet em duas traduções brasileiras*. Florianópolis: Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) –Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.
- MEIRELES, Selma Martins. „*Interjektionen und Onomatopoeitika in übersetzten Mangas: Ein Vergleich Japanisch-Deutsch-Portugiesisch*“ In: MASSA, Adriana et al (Org.). *Cruce de fronteras / Grenzgänge / Cruzando fronteiras*. Tomo 2, Córdoba: Comunicarte, 2014, p. 796-805
- MEIRELES, Selma Martins. *Onomatopéias e interjeições em histórias em quadrinhos em língua alemã*. In: Pandaemonium Germanicum 11, 2007, p. 157-188.
- MEIRELES, Selma Martins. *Quadrinhos e Linguística: Onomatopéias e interjeições e suas funções na narrativa em quadrinhos*. São Paulo: Departamento de Letras Modernas – FFLCH/USP – 2014.
- MORIN, Violette. *A historieta cômica*. In: BARTHES, Roland et al. *Análise estrutural da narrativa*. 2ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1973.
- MUNDAY, Jeremy. *The Routledge Companion to Translation Studies*. London and New York: Routledge, 2009
- POLL, Talita. *Ambiguidade Lexical em Tirinhas: análise de itens lexicais causadores de multiplicidade de sentido*. Santa Catarina: UFFS, 2015.

- POSSENTI, Sírio. *Tradução (d)e piadas. São Paulo: DELTA vol.19, no.1, 2003.*
- QUIASMO. In *E-Dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia*. <Disponível em: <http://edtl.fesh.unl.pt/business-directory/5969/quiasmo/>> Acesso em: 12 mai. 2018
- RAGA, Suzanne. *11 Things You Might Not Know About Cartoonist Jim Davis*. 2016. Disponível em <<http://mentalfloss.com/article/83344/11-things-you-might-not-know-about-cartoonist-jim-davis>> Acesso em: 24 jun. 2018
- RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo, Editora Contexto. 2ª edição, 2012.
- RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2010.
- RIBEIRO, Ana Elisa. *Multimodalidade e Produção de Textos: Questões Para o Letramento na Atualidade*. Santa Cruz do Sul: Signo [ISSN 1982-2014] v. 38, n. 64, p. 21-34, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo>> Acesso em: 24 jun. 2018
- ROSA, Gisele Marion. *A tradução quadrinhística: sinais de conflito entre imagem e texto*. São Paulo. TRADTERM, 16, p.411-434, 2010.
- ROSA, Gisele Marion. *As Potencialidades de Criação, Legitimação e Ruptura de Estereótipo na Tradução de Histórias em Quadrinhos*. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo – 2013.
- SILVA, Rivaldete Maria Oliveira. *A produção do cômico no teatro em Bergson*. In: XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste. 2012, Natal. Anais da XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, 2009, p. 1-15. Disponível em: <<http://www.gelne.org.br/Site/arquivostrab/1292-Gelne%20-%20%20A%20PRODU%3%87%3%83O%20DO%20C%3%94MICO%20NO%20TEATRO%20EM%20BERGSON.pdf>> Acesso em 25/04/18.
- TEIXEIRA, Gabriela Cristina. *Clássicos da Literatura em Quadrinhos: Uma Análise do Ponto de Vista da Tradução Intersemiótica*. In: Netto do Nascimento Cultura & Tradução. João Pessoa: v. 3, n. 1, 2014
- UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS. *Gênero textual: TIRINHAS (Aula 01)*. Manaus, 2012. Disponível em <<http://pibidletrasuea.blogspot.com.br/2012/03/genero-textual-tirinhas-aula-01.html>> Acesso em: 24 jun. 2018
- WALSH, Dan. *Garfield minus garfield*. 2017. Disponível em: <<http://garfieldminusgarfield.net/>> Acesso em: 24 jun. 2018
- WIKIBOOKS. *How to Make a Comic*. 2017. Disponível em: <https://en.wikibooks.org/wiki/How_to_Make_a_Comic/History_of_Comics> Acesso em: 24 jun. 2018